

A INFLUÊNCIA DA MEDICINA DA FRANÇA NA FORMAÇÃO DA MEDICINA DA BAHIA, BRASIL
(SÉCULO XIX E MEADO DO SÉCULO XX)^A
L'INFLUENCE DE LA MÉDECINE DE LA FRANCE DANS LA FORMATION DE LA MÉDECINE DE BAHIA, BRÉSIL
(SIÈCLE XIX^e ET MILIEU DU SIÈCLE XX^e)

Antonio Carlos Nogueira Britto¹

Instituto Bahiano de História da Medicina e Ciências Afins (IBHMCA), Salvador, Bahia, Brasil

São exibidos, desde os Oitocentos, alguns aspectos sinópticos da presença francesa na Bahia através da chegada de seus navios, naufrágios no litoral baiano, viajantes e hóspedes ilustres, corpo consular francês, literatura e artes. É ressaltada a influência exercida pela tradição e grandeza da medicina francesa na organização, estabelecimento e progresso na incipiente medicina colonial e provincial da Bahia, Brasil, por meio de médicos célebres da França, como Philippe Pinel (1745-1826), Pierre François Percy (1754-1825), Jean-Nicolas Corvisart des Marets (1755-1821), Dominique Jean Larrey (1766-1842), Marie-François-Xavier Bichat (1771-1802), barão Guillaume Dupuytren (1777-1835), René-Théophile-Hyacinthe Laennec (1781-1826), Jacques Lisfranc (1787-1847), Jean Cruveilhier (1791-1874), François Magendie (1783-1855), Mathéo-José-Bonaventure Orfila (1787-1853), Alfred Armand Louis Marie Velpeau (1795-1867), Armand Trousseau (1801-1867), Pierre-Jules Beniqué (1806-1851), Auguste Nélaton (1807-1873), Claude Bernard (1813-1878), Jacques-Arsène d'Arsonval (1851-1940), além de muitos outros afamados médicos franceses de antanho. Livros, teses, arsenal cirúrgico e terapêutico são destacados sucintamente. São referidos alguns esculápios que, na Bahia, exerceram seus divinos sacerdócios da arte de curar, desde os Drs. Caetano Lopes de Moura (1780-1860), nascido na cidade da Bahia, cirurgião-mor de Napoleão Bonaparte, na Batalha de Deutsch-Wagram, na Áustria, conselheiro Jonathas Abbott (1796-1868), Manoel Maurício Rebouças (1799-1866 ou 1800-1862), Eduardo Ferreira França (1809-1857), Raymundo Nina Rodrigues (1862-1906), Anísio Circundes de Carvalho (1856-1939), Manoel Augusto Pirajá da Silva (1873-1961), Eduardo Rodrigues de Moraes (1884-1943) e Estácio Luiz Valente de Lima (1897-1984). Como preito de admiração e respeito pelo ilustre e muito ilustrado presidente do XIV Congresso Brasileiro de História da Medicina. Dr. João Bosco Lopes Botelho, o A. deste trabalho faz recordar as teses de doutoramento do Dr. Botelho, sustentadas em junho de 1981, na Universidade de Paris VI, as quais foram arguidas pelo componente da Banca Examinadora, Dr. Luiz Carlos Calmon Teixeira, médico da Bahia, que era, naquela época, Professor Adjunto da Faculdade de Medicina da Bahia, Chefe do Departamento de Radioterapia do Hospital Aristides Maltez, presidente da Sociedade Brasileira de Cancerologia e titular da Cadeira n.º 32, da Academia de Medicina da Bahia. As teses são intituladas “*Consideration sur la pathologie de la glande thyroïde. Étude analytique de 3.771 malades. La thyroïdectomie typique – ses différentes formes comme la meilleure orientation thérapeutique*” – “*Évolution de la chirurgie de la glande thyroïde au Brésil pendant la période allant de 1935 à 1975*”.

Palavras-chave: Medicina francesa na formação da Medicina da Bahia, médicos célebres franceses e baianos, século XIX, meado do século XX.

Sont présentées à partir de XIXe siècle synoptique aspects de la présence française à Bahia, grâce à leurs navires ancrés dans la ville portuaire et de naufrages sur les côtes de la colonie, plus tard province. Ils sont précieux et très instructif de connaître les opinion de voyageurs et aussi des visiteurs notables et de bureau du Corps consulaire français, à côté des lettres e des arts. L'Acteur souligne l'influence de la tradition et de la grandeur de la médecine française dans l'organisation, l'établissement et progrès de la médecine naissante colonial et provincial de Bahia, au Brésil, à travers de médecins célèbres de France, par exemple: Philippe Pinel (1745-1826), Pierre François Percy (1754-1825), Jean-Nicolas Corvisart des Marets (1755-1821), Dominique Jean Larrey (1766-1842), Marie-François-Xavier Bichat (1771-1802), baron Guillaume Dupuytren (1777-1835), René-Théophile-Hyacinthe Laennec (1781-1826), Jacques Lisfranc (1787-1847), Jean Cruveilhier (1791-1874), François Magendie (1783-1855), Matheo-José-Bonaventure-Orfila (1787-1853), Alfred Armand Louis Marie Velpeau (1795-1867), Armand Trousseau (1801-1867), Pierre-Jules Beniqué (1806-1851), Auguste Nélaton (1807-1873), Claude Bernard (1813-1878), Jacques-Arsène d'Arsonval (1851-1940), et bien d'autres célèbres médecins anciens français. Sont mis em évidence brièvement certains livres et manuels, traités, arsenal chiru-

Recebido em 2/02/2010

Aceito em 15/4/2010

^(A) Trabalho apresentado no XIV Congresso Brasileiro de História de Medicina. *1^{ère} Réunion Franco-Brésilienne d'Histoire de la Médecine*. 5 a 7 de novembro de 2009. Manaus – Amazonas – Brasil.

¹ **Endereço para correspondência:** Prof. Antonio Carlos Nogueira Britto, Instituto Bahiano de História da Medicina e Ciências Afins (IBHMCA), Faculdade de Medicina da Bahia (FMB) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Largo do Terreiro de Jesus. 40025-010. Salvador, Bahia, Brasil.

C-e-lo: nogueirabritto@yahoo.com.br

rgical et également thérapeutiques. Des références sont faites à certains médecins célèbres quit ont leurs clergés dans l'art divin de la guérison, à Bahia: les docteurs Caetano Lopes de Moura (1780-1860), né à Bahia, il a été chirurgien en chef dans l'armée de Napoléon Bonaparte, au cours de la bataille de Deutsch-Wagram, Autriche; conseiller Jonathan Abbott (1796-1868), Manoel Mauricio Rebouças (1799-1866 ou 1800-1862), Eduardo Ferreira França (1809-1857), Raymundo Nina Rodrigues (1862-1906), Anísio Circundes de Carvalho (1856-1939), Manoel Augusto Pirajá da Silva (1873-1961), Eduardo Rodrigues de Moraes (1884-1943) e Estacio Luiz Valente de Lima (1897-1981). Comme un hommage d'admiration et de respect au illustré et très distingué M. le Président de XIVème Congrès Brésillien d'Histoire de la Médecine, Monsieur le Docteur João Bosco Lopes Botelho, le Auteur de cet thème historiographique rapelle ses deux thèses de Doctorat soustenues par le Dr. Botelho en Juin 1981, l'Université de Paris VI, qui ont été examiné par la composante du jury d'examen, Monsieur le Professeur Dr. Luiz Carlos Calmon Teixeira, médecin resident à Bahia. Il a été Professeur à la Faculté de Médecine de Bahia, Chef du Département de Rradiothérapie, Hôpital Aristides Maltez, Président de la Société Brésillienne de Cancérologie et titulaire de la Chaire n.º 32, l'Académie de Médecine de Bahia. Les deux thèses de Doctorat sont intitulé: "Consideration sur la pathologie de la glande thyroïde. Étude analytique de 3.771 malades. La thyroïdectomie typique – ses différentes formes comme la meilleure orientation thérapeutique" – "Évolution de la chirurgie de la glande thyroïde au Brésil pendant la période allant de 1935 à 1975".

Mots-clés: *La médecine de la France dans la formation de la médecine de Bahia, les médecins célèbres français, les médecins à Bahia, siècle XIXe et milieu du siècle XXe*

PARTE I

O sopro revolucionário da Revolução Francesa de 1789 fomentando na Bahia Colonial a sedição de 1798, também denominada "Conjuração dos Alfaiates", "Inconfidência Baiana", "Conspiração dos Búzios", "Sedição de Maltos".

O movimento revolucionário de 1794/1798 na capitania da Bahia foi plasmado sob a égide da filosofia *iluminista* e na Revolução Francesa, que eclodiu em 1708 e formulava do ponto de vista político a República Moderna, através da qual seriam todos *iguais perante a lei* e o poder adviria *do povo*.

Na manhã de 12 de agosto de 1798, foram afixados em igrejas, muros, paredes de casas de residência e outros pontos na cidade 11 panfletos, tidos como "*papéis sediciosos*" que denunciavam ("*latrocínios, furtos com os títulos de impostura, tributos e direitos que são elaborados pela rainha*"); que ("*seja exterminado para sempre o pessimo jugo reinavel na Europa*"); ("*ficando cada hu sujeito ás leis do novo codigo*") e ("*cada hu soldado receba de soldo dois tustoens cada dia*" / "*os oficiais terão augmento de posto, e soldo*")⁽²⁹⁾.

O governador da capitania da Bahia, D. Fernando Jozé de Portugal (1788-1801), instaurou rigorosas *devassas*, sendo realizadas as prisões dos tenentes Hermógenes Francisco de Aguillar Pantoja e José Gomes de Oliveira Borges; do professor de latim Francisco Moniz Barreto de Aragão e do cirurgião e médico Cipriano Jozé Barata de Almeida. Foram detidos e processados 33 envolvidos: 11 escravos, seis soldados da tropa paga, cinco alfaiates, três oficiais militares, dois ourives, um pequeno negociante, um bordador, um pedreiro, um *carapina*, um professor e um cirurgião. Em 5 de novembro de 1799 foram condenados à forca os soldados Luiz Gonzaga das Virgens e Veiga e Lucas Dantas de Amorim do Nascimento, o aprendiz de alfaiate Manoel Faustino dos Santos Lira e o ourives Luiz Pires, que fugiu e

jamais foi localizado. No dia 8 de novembro de 1799 foram enforcados e esquartejados na Praça da Piedade o aprendiz de alfaiate Manoel Francisco Santos Lira, soldado Lucas Dantas de Amorim Torres, soldado Luiz Gonzaga das Virgens e Veiga e o alfaiate João de Deus do Nascimento. Os escravos Luiz de França Pires e José Felix foram condenados a degredo e atirados ao mar ou desembarcados nas praias da África Ocidental. Antonio José morreu na prisão, envenenado com arsênico. Dois foram condenados ao açoite no Pelourinho, na Praça do Terreiro de Jesus. Ignacio Pires dos Santos e Manoel de Vera Cruz foram condenados a 500 açoites e vendidos para fora da capitania da Bahia. O escravo Cosme Damião Pereira Bastos foi condenado a 5 anos de degredo em prisão de Angola. Os tenentes Hermógenes Francisco de Aguillar Pantoja e Jozé Gomes de Oliveira Borges, foram aprisionados. O cirurgião e médico Cipriano Barata foi detido em 19 de setembro de 1798⁽²⁸⁾.

O *Orador dos Estados Gerais em 1792* - (Primeiro número de jornal publicado anonimamente e, ao depois, atribuído ao jornalista e político Jean Louis Carra, morto guilhotinado em Paris a 31 de outubro de 1793¹⁶ - é trazido pelo professor de gramática latina em Rio das Contas, Francisco Moniz Barreto de Aragão. A ele foi emprestado pelo Dr. Antonio Álvares de Figueredo *As Ruínas*, de Volney. E "*hum moço de Pernambuco, chamado Jozé Porphirio*" lhe deu uma cópia das quadras à *Igualdade e Liberdade*⁽²⁸⁾:

*"Igualdade e liberdade
No sacrario da razão
Ao lado de sã justiça
Preenchem o meo coração".*

Um grupo se reunia fora da cidade, em casa de residência do farmacêutico João Ladislau Figueiredo de Mello, para ler e discutir "*hum Governo Democratico*" para a capitania da Bahia, além de documentos que circulavam no período de 1794/1798: as sobreditas quadras, trechos de *As Ruínas*, de Volney, o discurso de Boissy d'Anglas, político da Conven-

ção Francesa e o número do Jornal Gazeta de Lisboa dando conta das vitórias militares de Napoleão. Escravos, e seus filhos, soldados e artesãos souberam das idéias e discussões e se deixaram contaminar pelos apelos revolucionários. Nesse tempo existia na Bahia uma organização maçônica, Cavalheiros da Luz, onde se reuniam maçons por influência de Antoine René Larcher, capitão da fragata francesa *La Preneuse*, que chegou à cidade da Bahia com a mulher, Jeanne de l'Entremeuse e filhos, a 30 de novembro de 1796, zarpando em derrota à Europa a 2 de janeiro de 1797⁽²⁸⁾.

O primeiro dos 10 “Avizos” ou “*Pasquins Sediciosos*” afixados na cidade da Bahia, na manhã de 12 de agosto de 1798, conclamava: “*Animai-vos Povo Bahinense que está para chegar o tempo felis da nossa Liberdade; o tempo em que todos seremos irmaons; o tempo em que todos seremos iguaes ...*”⁽¹⁶⁾.

General Pierre Labatut, dito Pedro Labatut

Nasceu em Cannes no ano de 1768 e faleceu na cidade do Salvador, Bahia, Brasil, em 1849.

Combateu na Guerra da Independência do Brasil. No Rio de Janeiro, foi admitido em 3 de julho de 1822 por D. Pedro I, Imperador do Brasil, no posto de Brigadeiro. Organizou o Exército Pacificador e enfrentou o general luso Ignácio Luiz Madeira de Mello, vencendo os portugueses na Batalha de Pirajá. Ainda em vida, recebeu o título de Marechal-de-campo. Faleceu em Salvador na antiga Rua dos Barris, hoje Rua General Labatut⁽²³⁾.

Navios franceses na Bahia

Em 1509 ou 1510, um navio corsário francês, sem nome identificado pelos historiadores, naufraga nas proximidades da Mariquita, na embocadura do Rio Vermelho, na cidade da Bahia, Brasil. Mariquita é uma corruptela da palavra tupi “*mairaquiquig*” ou “naufrágio dos franceses”. Os sobreviventes foram massacrados e devorados pelos índios. Apenas um dos marinheiros, Diogo Alvares Correa, (natural de Viana do Castelo, Portugal e falecido em Tatuapara, pequeno porto próximo a Garcia d'Ávila, Bahia, a 5 de outubro de 1557), foi poupado pelos gentios, devido ao seu estado de provável desnutrição. Recuperado os destroços dos navios, com o auxílio dos índios, conquistou a admiração dos aborígenes quando se espantaram com o troar de um tiro de arcabuz disparado pelo náufrago para abater um pássaro. Por este sucesso, foi chamado pelos habitantes daquela localidade de Caramuru-assu, ou seja, no idioma dos gentios, “*Dragão, que sai do mar*”, ou “*moréia*” (ou peixe), “*pau que cospe fogo*”, “*homem trovão da morte barulhenta*”, além de “*o dragão do mar*”, consoante o primaz historiador Sebastião da Rocha Pitta e “*filho do fogo*”, segundo Ferdinand Denis, nascido em Paris em 1798, e que esteve na Bahia em 1816 a 1819, como empregado do consulado francês na cidade da Bahia e, ao depois, diretor da biblioteca Sainte-Genève, em França, de 1865 a 1885.

Os índios que habitavam a costa da Baía de Todos os San-

tos eram das tribos Tupinambás e dos Tupiniquins, no sul, e os do norte, os Caetés. No interior viviam os Botocudos e os Camacans.

Auxiliando os gentios Tupinambás em suas batalhas contra aborígenes vizinhos, pelos quais, graças a confiança e admiração conquistadas pelo poder bélico do seu arcabuz, recebeu várias concubinas. Dentre elas, encantou-lhe, pela beleza, a filha do morubixaba (cacique) Taparicá, a formosa cunhã, isto é, mulher, substantivo feminino, do tupi-guarani, chamada Caramuru-assu-Paraguaçu.²¹ Em 1527, da Bahia o casal foi levado por um barco francês a Saint-Malo, sob o comando do piloto francês Jacques Cartier, segundo acredita o historiador francês Pouillot⁽²²⁾. Algumas índias, entre elas uma das amantes de Caramuru, Moema, querendo acompanhar a nado o navio que conduzia Caramuru e Catarina, pereceu nas vagas. Chegando à Bretanha, a 30 de julho de 1528, foi batizada com o nome de Catherine du Brasil. Pelo sacramento do matrimônio com Diogo Álvares, recebeu o nome de Catarina Álvares. Diz Denis que Catherine de Médicis teria sido sua madrinha de batismo, nome recebido na pia batismal pela índia Paraguaçu, em homenagem a Catherine des Granches. Todavia, fontes historiográficas mais precisas asseveram que sua madrinha de batismo, em Saint-Malo, foi Catherine des Granches, consorte do navegador Jacques Cartier, “*pilot natif de Saint Malo*” e descobridor do Canadá. Nos arquivos de l'Ille-et-Vilaine, documento encontrado lavra: “*Le pénultime jour de d. moys (juillet 1528), fut baptizée Catherine du Brazil, et fut compère noble homme Guyon Jamyn (frère d'Olivier Jamyn, mari de Thoimasse Cartier, tante de Jacques) recteur de Saint Jagu, et commère Catherine des Granches, et Francoise le Gobien, fille de l'aloulé de Saint-Malo et fut baptizée par Me. Lancelot Ruffier, vicaire curé dud. lieu, led. jour et na que dessus*”⁽²²⁾. O franciscano André Thevet in *Les Singularités de La France Atarctique, Paris, 1558, (cap. LXXV), escrevia: “Iaques Cartier, Breton, maitre pillot et Capitaine, homme experty et entendu à la marine”, “natif de Saint-Malo”*⁽²²⁾. Catherine des Granches era a esposa de Jacques Cartier. Na mesma ocasião, foi batizada outra índia Tupinambá, Perrine, provavelmente uma das amadas de Caramuru que se lançaram ao mar em direção ao navio.

Retornam em navio francês, Caramuru e Catarina Alvares Caramuru às “Ilhas do Brasil”, denominação como era conhecido o Brasil naquele tempo, e se estabelecem na Baía de Todos os Santos, em sítio ao depois denominado Vila Velha, “*meya legoa distante da Cidade para o Sul, visinha à barra, de alegre e dilatada vista*”⁽²²⁾.

Os franceses eram chamados pelos índios de Mair, e os portugueses receberam dos gentios a denominação de Peros na luta de influência pela presença de gauleses na Bahia contra os lusitanos, durante a primeira metade do século XVI

Os franceses aliaram-se aos índios Tupinambás e os portugueses foram auxiliados pelos índios Tupiniquins. Por segurança, para se protegerem de ataques dos *Pêros*, os franceses se instalaram na Ilha dos Franceses situada na foz do

rio Paraguaçu, à entrada do lagamar de Iguape. Levavam os seus navios para a França carregados da preciosa madeira *pau-brasil* e muitos macacos, monos, bugios, sagüins, aves de cantos, papagaios, peles, armas e outros objetos, além de índios de tribos amigas, os quais, em 1550, participaram de festa brasileira em Rouen, em outubro, em honra do rei Henrique II e da rainha Catherine de Médicis, subidos ao trono em 1547, vinte anos após o batizado de Catarina Paraguaçu.

1694 – Aporta na Baía de Todos os Santos, o *Rubis*, comandado pelo capitão de Lestreville⁽²⁸⁾.

1696, 20 de junho – A pequena esquadra do Almirante de Gennes⁶⁶ ancora pelas cinco horas da tarde a uma légua da cidade⁷⁷ (28).

1703 – Atracam no porto da capitania da Bahia o bergantim *Notre Dame de l'Espine de France*⁽²⁵⁾ e o *Amphitrite*⁽²⁸⁾.

1725 – Amarra à terra da Bahia a embarcação francesa *Aspirant*, sob o comando do capitão Desplats, de Saint-Malo⁽²⁸⁾.

1796, 30 de novembro – Aporta a fragata francesa *La Preneuse*, sob o comando do capitão Antoine-René Larcher (1740-1808), Chefe de Divisão das Armadas Navais Francesas⁽¹⁶⁾.

1806, 02 de abril - Chega à Bahia, em abril, esquadra francesa do almirante Willaumés, composta de seis fragatas, procedente de Brest, para tentar expulsar os holandeses do Cabo da Boa Esperança, expedição que na teve êxito porquanto os ingleses haviam precedido os franceses em duas semanas. Fazia parte da flotilha os navios *Vétéran*, capitaneado por Jêrôme Bonaparte, irmão de Napoleão; *Le Foudroyant*, comandado pelo contra-almirante Willaumés; *Le Cassard*, pelo capitão Fauré; *L'Impetueux*, pelo capitão Le Veyerbelair; *Le Patriot*, pelo capitão Krom; *L'Eole*, pelo capitão Prévost de La Croix; *La Valeureuse*, timonada pelo capitão Kergariou. A esquadra voltava à Europa, com quatro meses de viagem sem água, sem víveres e sem lenha. Estava desprovido de qualquer provisão e tinha quinhentos e tantos doentes de escorbuto a bordo dos navios da esquadra. Naquele mesmo dia, Jerônimo Bonaparte, comandante do *Vétéran*, solicita ajuda ao governador, Dom João de Saldanha da Gama Mello e Torres Guedes de Britto, 6.º conde da Ponte: “*Une longue navigation a occasioné le scorbut pou les équipages. Votre Excellence m'obligerait infiniment, si elle voulait m'indiquer en lieu ou je pousse débarquer les marins atteints de cette maladie.*” Os padecentes desembarcaram e foram devidamente tratados em um quartel da cidade. Largou a esquadra de volta à França em 21 de abril^(7, 22, 28).

1806, 28 de abril – O capitão-de-mar-e-guerra Pierre Louis Lhermite, (1761-1828), comandando uma divisão de seis navios, entra na Baía de Todos os Santos. Ao passar um desses navios entre o Forte de S. Marcelo, e a terra é intimado pelo bastião a retroceder, com um tiro de pólvora. Não sendo atendido, fez-lhe um disparo de bala, obrigando a embarcação francesa a retornar. M. Lhermite queria ven-

der ao governador o conde da Ponte mil negros custodiados nos porões^(3, 7).

1824, 25 de agosto – A fragata francesa *La Magicienne* ancora a cerca de meia milha distante da praia, longe do Arsenal de Salvador, em comemoração ao dia de Saint-Louis, toda enfeitada e embandeirada. *Diário de uma viagem ao Brasil*⁽¹⁰⁾.

1825, 31 de março – *La Louise*, (3 mâts), l'équipage de 13 hommes. Le capitain: Jean-Baptiste de Rivry, 40 ans. Quitte le Havre le 7 février, chargée avec “du vin, des vinaiges &c”. Arrivée dans le port de Bahia le 31 mars 1825.

1840, 28 de agosto - Chega a fragata *La Belle Poule*, comandada por um lídimo representante da realza francesa, Sua Alteza François Ferdinand Philippe d'Orleans Príncipe de Joinville, almirante. Naquele ano, veio ao Brasil no comando da *La Belle Poule*, que levou os restos de Napoleão Bonaparte da ilha de Santa Helena de volta para a França⁽²⁸⁾. Em 1843, casou-se com a princesa D. Francisca de Bragança e Habsburg, nascida no Rio de Janeiro em 2 de agosto de 1824 e falecida em Paris em 27 de março de 1898, estando sepultada em Dreux. Era filha de D. Pedro I e de D. Maria Leopoldina de Áustria e irmã de D. Pedro II (N.A.).

1840 – Ancora no porto da Bahia, o *Favorite*, vindo com o *La Belle Poule*⁽¹⁷⁾. Ambos zarparam no dia 14 de setembro.

1845, últimos dias de julho – Faz escala na Bahia a embarcação *Victor Jacquemont*, vinda de Nantes, que sofrera sérias avarias em seus mastros⁽²⁸⁾.

1846, 28 de abril - Atraca a escuna *Eclipse*, chegada do Havre, sob o comando do capitão Eugène Celse⁽²⁸⁾.

1846, 24 de maio – Sai do porto da Bahia a barca francesa *Basque*, para o Havre, sob o comando do seu *mestre Pierre Barindeigne*⁽²⁸⁾.

1849 – Chega a escuna *Eclipse*, timonada pelo capitão Eugène Celse⁽²⁸⁾.

1854 – A fragata francesa *Galathée* veleja entre os Abrolhos e a Bahia, sob forte corrente e borrasca⁽¹²⁾.

1860 – Zarpa do porto da cidade da Bahia o pacote a vapor *Guienne*, com a função de Correio Consular Francês, lançado ao mar pela C.^{ie} des Mèssageries Imperiales, construído no estaleiro francês Ciotat.

1860 – A serviço do Correio Consular Francês, zarpa do porto da Bahia o pacote Navarre, construído no estaleiro La Seyne. *Ref. Internet. Cit. supra: Ibidem.*

1860 - Deixa o porto da cidade da Bahia o pacote Estremadure, a vapor, da Cie des Mèssageries. *Ref. Internet. Cit. supra: Ibidem.*

1868, 1.º de fevereiro (8 de fevereiro, segundo Pedro Calmon – Diário da Bahia e 10 de fevereiro como diz Xavier Marques) - Zarpa do porto da Bahia para o Rio de Janeiro a embarcação *Picardie*, levando a bordo o genial e imortal poeta Castro Alves. Pedro Calmon informa que Castro Alves viajava com Eugênia Infante da Câmara e uma filha desta⁷⁷ e, consoante o jornal O Correio Mercantil, de 13 de fevereiro de 1868: ... “desembarcados no Rio : ... Antônio de Castro Alves. D. Eugênia Infante da Câmara, uma

filha e uma criada ...". Timonava o *Picardie* o comandante *Rasouls*^(6, 22).

A empresa francesa de navegação Chargeurs Réunis, fundada em 1872, construiu, entre outros navios, o *Ville de Bahia*, o *Ville de Santos*, o *Ville de Rio de Janeiro*, o *D. Pedro* e *Ville de Pernambuco*, construído em 1880 no estaleiro Forges & Chantiers de la Méditerranée, no porto la Seyene e teve sua viagem inaugural em abril de 1882.

1883 - Atraca no porto da cidade da Bahia o navio *D. Pedro*", por estar com o eixo da hélice quebrada. *Ref. Internet. Cit. supra: Ibidem.*

1894, junho - Entram no porto da cidade da Bahia 7 embarcações francesas⁽²⁵⁾.

1895, maio - Encosta no porto da Bahia o vapor francês *Ville de Rosário*, procedente do Havre, carregado de mercadorias de Paris, Bordeaux, Hamburgo e Lisboa⁽²⁵⁾.

1906, 5 de maio - Zarpa do porto da cidade da Bahia o pacote postal francês *Atlantique*, da Compagnie des Messageries Maritimes (1900-1921), conduzindo o celebrado cientista brasileiro Dr. Raymundo Nina Rodrigues com destino a Europa. *Britto ACN - www.medicina.ufba.br* História da Medicina - Artigo n.º 57 - Parte I.

Embarcações francesas naufragadas no litoral da Bahia, Baía de Todos os Santos e Recôncavo

C. 1508, 1509, 1510 - Embarcação francesa de Caramuru, (nome não identificado pelos historiadores), naufragada próxima a pedra da Mariquita, Salvador, Bahia^(1, 20).

1802, 25 de outubro - O bergantim *Parquet Raquel* sofreu avarias no cais do porto⁽²²⁾.

1806, 18 de maio - Galera francesa (nome não identificado), naufragada, após incêndio, nas pedras de Mont'Serrat, Itapagipe, Salvador, Bahia - (Pertencente a frota de Lhermite)^(1, 20, 22).

1856, 26 de fevereiro - França. Porto de Salvador. Mercante, 3 mastros. Incêndio⁽²²⁾.

1858, 28 de setembro - *Delphin*, França, a 1,30 e 225° do forte de S. Marcelo, Salvador, Ba. Incêndio. Ainda se encontram algumas peças de *earthware* no local⁽²⁾.

1865 - *Bearn*, França. Messageries Maritimes. Erro de navegação. Naufragou nos recifes. Localização: SE do farol do Morro de São Paulo e cerca de 300 m da ponta dos Castelhanos, Bahia⁽²⁾.

1873, 27 de setembro - *Gambie*, França. 2.700 toneladas. Casco de ferro e propulsão a hélice. Messageries Maritimes. Vapor de passageiros, naufragado na costa norte da Bahia, ao chocar-se contra os arrecifes de Jauá, 30 milhas ao norte de Salvador^(2, 22).

1874, 27 de setembro - *La France*, França. Chargeurs Réunis. Foi a pique na Baía de Todos os Santos, no Porto de Salvador, Bahia, causado por incêndio, quando ancorado, às 23 horas. 225° ao sul do forte de S. Marcelo. Localizado entre o cais e o quebra-mar^(2, 22).

1877, 9 de outubro - *Paraná*, França. Messageries Maritimes. Passageiros e cargas. Vapor, casco de ferro. Soçobrou

em Abrantes, na costa da Bahia, em derrota para Buenos Aires. Recuperada boa parte da carga. Localizado na praia de Jauá NE Baía de Todos os Santos, Ba. Latitude 12° 50' 58" S - Long: 38° 19' 03" W^(2, 22).

1893 - *France*, França. Navio mercante de 3 mastros, veleiro e vapor. Foi a pique a 0,5' e 225 forte de S. Marcelo, Salvador, Bahia. Incêndio⁽¹⁾.

1903, às 4/12 horas da tarde de 12 de setembro - *Bretagne*, França. Cargueiro. Erro de navegação. Encalhou sobre o casco submerso do cargueiro inglês Maraldi. Afundou na Baía de Todos os Santos, entre o Farol da Barra e o forte de Santa Maria. Está localizado a 200m da praia próxima e ao norte do farol da Barra^(2, 22).

1910, às 13 horas de 19 de outubro - quase sossobrou o vapor francês Bellevue, defronte do forte Santa Maria⁽²²⁾.

Viajantes e hóspedes ilustres franceses

François Pyrad de Laval, descrevia, em 1615, a Rua dos Guindaste dos Padres, *belle & grande rue bien peuplée de toute sorte de mestiers & artisans*^(19, 20).

1806, abril - Jérôme Bonaparte, irmão de Napoleão. Comandante da fragata Vétéran. Hóspede do governador conde da Ponte, em amplo e magnífico sobrado nos Barris, de propriedade do Marquês de Barbacena⁽²⁸⁾.

Ferdinand Dinis - Nascido em Paris. Empregado do consulado da França na Bahia no período de 1816 a 1818. Ao retornar à França, torna-se diretor da biblioteca Sainte-Genève de 1865 a 1885⁽²⁸⁾.

Louis François de Tollenare, viajante francês de passagem pela Bahia (1816, 1817, 1818). Apresentou testemunho precioso sobre a vida da Bahia do século XIX⁽²⁸⁾.

Jean-Baptiste Douville - Nascido em Hamby a 15 de fevereiro de 1794. A 4 de julho de 1833, chega à Bahia procedente de Lisboa a bordo da polaca genovesa Giuseppe. Estudioso, naturalista, aventureiro e explorador. Percorre o interior da província da Bahia durante alguns anos e oferece ao governo da província valiosa coleção de objetos para formar um gabinete de História Natural, colocados, após ato de criação do Gabinete Douville, no antigo Hospício da Palma, um antes da criação do Liceu Provincial. Para dirigir o novo gabinete e ministrar aulas foi escolhido o lente Augusto Ferreira França, de vinte e seis anos, recém-chegado de Paris, onde se doutorara em 1834⁽²⁷⁾.

O Príncipe de Joinville, Sua Alteza François Ferdinand Philippe d'Orleans, chega à Bahia comandando a fragata *La Belle Poule*, em 28 de agosto de 1840, enviada a Santa Helena para buscar os restos de Napoleão e procura passar-se incógnito durante 15 dias desde o início de setembro de 1840⁽²⁸⁾.

Joseph Arthur de Gobineau, Conde de Gobineau. Nasceu em Ville-d'Avray a 14 de julho de 1816 e finou-se em Turim, em 13 de outubro de 1882. Diplomata, escritor, etologista e filósofo francês. Esteve na Bahia em 1869 e descreve a vida e costumes da Bahia. Tinha como companheiro de viagem M. de la Marlière. Enviado por Napoleão III para servir

como diplomata no Brasil em 1876. Caracterizou-se pelas suas teses racistas⁽²⁰⁾.

Amédée François Frézier. Engenheiro francês. Autor de *Relation du Voyage de la mer du sud aux côtes du Chili, du Perou et du Brésil, fait pendant les années 1712, 1713 et 1714*. A viagem de Frézier foi feita sob as ordens de Louis XIV, para obter informações militares para uma possível operação contra as colônias espanholas na costa do Pacífico.

Le Gentil de la Barbinais. Comerciante e viajante francês. Escreveu *Voyage Autour du Monde*, Paris, 1817. Esteve na Bahia, em 1717, vindo da China, para reparos na embarcação. Descreveu a cidade da Bahia, os habitantes e costumes.

Cônsules franceses na Bahia

M. Vallat – 1841 - Relatório de 1844 sobre ruas da cidade da Bahia⁽²⁸⁾.

Pierre Victor Mauboussin – Est né au Mans. Em relatório ao Ministère des Affaires Étrangères reporta que “*Não se pode pensar em desencorajar os proprietários e os traficantes de escravos na Bahia, porque este lugar é o centro mais ativo do tráfico que ali é conduzido com mais resolução do que nunca*”. Exposição de 24 de setembro de 1847 informa que os proprietários e dignitários não são sufragados pelos eleitores, por serem senhores de engenho e dominarem os escravos. Para a deputação são eleitos os homens de toga, magistrados e juizes⁽²⁸⁾.

Jacques Guinebaud, em 1820, relata o ódio já existente entre portugueses e brasileiros, além dos sucessos sobre revoltas escravas nos engenhos do Recôncavo⁽²⁸⁾.

Francis de Castelneau, relatório de 1848 e 1848⁽²⁸⁾.

M. Marescheaux, relatório de 1835⁽²⁸⁾.

M. Dugrivel dirigia o Consulado da França quando os revoltosos da Sabinada “atearam fogo em diversos pontos da cidade, o que provocou uma situação embaraçosa para o Consulado da França. Ao ser derrotado, o Dr. Sabino Álvares da Rocha Vieira, líder da revolta que levou seu nome, *Sabinada*, que eclodiu na Bahia em 7 de novembro de 1837, e terminou em 16 de março de 1838, refugiou-se no consulado francês, e M. Dugrivel não o expulsou, sucesso que motivou seu afastamento de suas funções e o consulado ficou aos cuidados do cônsul inglês na Bahia, Mr. Whatley⁽²⁸⁾.”

Max Raybaud, cônsul da França na Bahia, despachava em 1.º de setembro de 1845 minudente relatório ao *Quai d'Orsay* (Ministère des Affaires Étrangères - Ministério de Relações Estrangeiras), em Paris em derredor de uma *troupe* teatral francesa de passagem pela província da Bahia, por ele descrito com ironia, desembarcada na Bahia a bordo do navio Victor Jacquemont, procedente de Nantes e que sofrera avarias severas em seus masts⁽²⁸⁾.

Jean-François Max Rybaud (sic) (Raybaud?) residia na cidade da Bahia na Fonte das Pedras⁽³⁰⁾.

Monsieur de Saint Sauver, 1873, recusou-se a participar do “cortejo”, tendo à testa o presidente da província da Bahia,

dianete do retrato de D. Pedro II em homenagem ao aniversário do Imperador, por achar humilhante as saudações⁽²⁸⁾.

Corpo Diplomático e Consular de França, com residência na Corte do Rio de Janeiro, em 1845

“*Barão de Langsdorff, Env. Extr. E Min, Plenip (ausente)*

Cavalleiro de St. Georges, Encarr. De Neg., rua do Catete.

Alfredo de Vidil, Addido.

Th. Taunay, Vice- Consul Chancelier; rua d'Ajuda, 25”⁽³⁰⁾.

Letras e Artes

A literatura da França tornou-se mais conhecida e divulgada com a instalação da primeira Imprensa da Bahia, por meio do periódico *Idade d'Ouro do Brazil*, impresso na Tipografia de Manoel Antonio da Silva Serva, a qual teve início em uma terça-feira, 14 de maio de 1811, permanecendo com este nome até 1819, quando passou o estabelecimento tipográfico a denominar-se Tipografia de Serva, e Carvalho, após a admissão do sócio José Teixeira de Carvalho.

Destarte, em 21 de abril de 1812, oferecida à venda por 160 réis, a sobredita tipografia fez sair à luz a *Breve Memoria dos Estragos Causados no Bispado de Coimbra pelo Exercito Francez, Commandado pelo General Massena, Extrahida das Informações que derão os Reverendos Parocos e Remetida á Junta dos Socorros da Subscrição Britanica, pelo Reverendo Provisor, Governador do mesmo Bispado*⁽⁸⁾.

Em 1812, a sobredita tipografia fez sair à luz *Manual do Engenheiro, ou Elementos de Geometria Pratica; de Fortificação de Campanha Acompanhados de Algumas Noções sobre outros Objectos Mlitares. Por Mr. Briche. / Segunda Edição. / Bahia*⁽⁸⁾.

É a seguinte a tradução do francês da sobredita obra: “*L'Ingénieur républicain, ou Élémets de geometrie pratique de la fortification de campagne à usage des républicains armés, ouvrages présente à la Convention nationale par Jean Briche - Paris, T. Barrois le jeune, na. IV. In 8.º VIII - 173 p. et pl*”⁽⁸⁾.

O folheto *Descrição da Ilha d'Elba* foi publicado na Idade d'Ouro do Brazil de 20.9.1814, ilha onde se encontra Napoleão I, desde a sua abdicação em Fontainebleau⁽⁸⁾.

Jozé Soares de Castro, Lente de Anatomia e de Medicina Operatória da Escola de Cirurgia da Bahia, primeiro Instituto dos ensinos Médico e Superior no Brasil, e, junto com o lente Manoel Jozé Estrela, constituiu os dois primeiros professores de Medicina no País, Cirurgião Mor do Hospital Real Militar, e Delegado do Cirurgião Mor dos Reaes Exércitos nesta cidade e Capitania, publicou e traduziu do francês, em 1815, a obra *Memórias Physiologicas, e Praticas sobre o Aneurisma, e a Ligadura das Artérias* por J. P. Maunoir, Membro da Sociedade de Medicina de Paris⁽⁸⁾.

Em 1816, foi publicada e traduzida do francês por Theodoro José Guilherme de Sá, a *Memoria sobre os Conheci-*

mentos *Necessarios a hum Official Militar*⁽⁸⁾.

Em 1816, José Soares de Castro, Lente de Anatomia e de Medicina Operatória da Escola de Cirurgia da Bahia, publicou e traduziu do francês *Observações Fisiologicas sobre a Vida e a Morte, obtidas pela indagação dos fenomenos da economia animal*. Obra de Mr. Xavier Bichat, médico do Hospital de Paris⁽⁸⁾.

No ano de 1817, o farmacêutico Dr. Manoel Joaquim Henriques de Paiva publicou e traduziu do francês a obra *Filosofia Quimica ou Verdades Fundamentaes da Quimica Moderna, destinados a servir de Elementos no Estudo desta Sciencia*, de autoria de Fourcroy. (A.F.)⁽⁸⁾.

Ainda no ano de 1817, saiu a lume *Andromaca, Tragedia* do dramaturgo francês Jean Racine, nascido em 22 de dezembro de 1639 em La Ferté-Milon e falecido em Paris, em 21 de abril de 1699. Foi traduzida pelo “D.º Antonio Jozé de Lima Leitão, Medico da Escola de Pariz, e Physico Mor da Capitania de Moçambique”⁽⁸⁾.

O francês Louis Ferdinand Denis, que esteve na Bahia entre 1816 e 1819 produziu varias obras literárias: *Le Brésil, Paris, 1822*, com Hyppolite Taunay; *Brésil*, Firmin Didot, Paris, 1837; *Correspondence* – MS. 3417, Bib. Ste Geneviève, Paris; *Une fête brésillienne à Rouen (1550)*, Paris, 1850⁽⁸⁾.

Tollenare assevera que a biblioteca Pública da Bahia, fundada no início do século XIX pelo governador da capitania da Bahia (1810-1818), Conde dos Arcos, Dom Marcos de Noronha e Britto, oitavo deste título, tinha no seu acervo três mil volumes escritos em francês⁽⁸⁾.

Todavia, a Livraria do Colégio da Bahia, da Companhia de Jesus, teve início em 1549 com os livros que trouxe o padre Manoel da Nóbrega. Destruída pela invasão e ocupação da Bahia pelos holandeses em 1624. Restaurado o Colégio da Bahia e Igreja, a livraria dos inicianos foi instalada por cima da sacristia, em suntuoso salão, tesouro pictórico do Brasil. Depois da expulsão dos jesuítas, pessoas apaideutos escreveram nos belos azulejos da escadaria que se conectava com a antiga Biblioteca dos Jesuítas, “escrito meio à francesa, meio à portuguesa, o título da Comédia de Molière, *L’escole das femmes* (escrito *fennes* pelo ceramista de Lisboa)”. Em 1694, possuía cerca de 3.000 livros. Um dos seus mais ilustres bibliotecários foi o padre Antonio Vieira. Ao depois veio a constituir-se na Biblioteca Pública da Bahia, aberta a 13 de maio de 1811 no Palácio do Governo, com 7.000 volumes. *História da Companhia de Jesus no Brasil*⁽⁸⁾.

As livrarias B. C. da Silveira Lemos, na Rua Nova do Comércio n.º 15 e Carlos Pongetti n.º 21, ambas funcionando na mesma rua na cidade baixa, além da livraria de João Batista Martin, na Rua Direita da Misericórdia n.º 47 na Cidade Alta vendiam preciosos livros de autores franceses: *Compêndio da Doutrina Cristã*, encadernada em Paris, 1845, adotada em colégios em França e Portugal; *As Sombras de Descartes, Kant e Joffroy* de Mr. Cousin; Escritos em francês: *O padre diante do século por Madrolle*, 1 vol e *Manifesto da Igreja Romana no mundo político por Madrol-*

le, 1 vol.; *Sermões de Boussuet*, 7 vol; *Obras completas de Massillon*, 15 vol; *História do Velho e do Novo Testamento* por Royaumont, 1 vol; *História abreviada da religião antes da vinda de Jesus Cristo*, por Lhomond; *História abreviada da Igreja*, por Lhomond, 1 vol; *Uma família corsega*, por Alexandre Dumas; *História do Consulado e do Império*, por A. Thiers; *Descrição do Império do Brasil*, por Ferdinand Denis; O Conde de Montecristo, de Alexandre Dumas; *O Judeu Errante*, por Marie Joseph Sue, dito Eugène (1804-1857), edição em 5 volumes, com estampas, vendidos na Livraria Catilina e Cia., e levado a lume em capítulos diários no jornal da capital francesa *Le Constitutionnel*; *Mathilde, mémoires d’une jeune femme*, por Eugène Sue⁽²⁸⁾.

A cultura francesa impregnava a intelectualidade do povo da Bahia, na então capitania e província, embalando, entre-tendo e encantando seus habitantes do interior e da capital da cidade da Bahia. A cultura do Brasil muito deve à França por meio de seus celebrados sábios: Augustin François César Provençal de Saint-Hilaire, Aimé Bompland, Emmanuel Liais, Alphonse Louis Marie Lamartine, e outros.

A ilustradíssima escritora, romancista e poeta baiana, Dona Anna Ribeiro de Goes Bittencourt, muito versada no português e no francês, nascida em 31 de janeiro de 1843, na Fazenda Mocambo, no município de Itapicuru, e transferida ao depois para Catu, onde cresceu, lia os clássicos franceses Fénelon de Salignac de la Mothe-Fénelon, Jacque-Bénigne Bossuet, Pierre Corneille, Jean-Baptiste Poquelin (Molière), François-Marie Arouet (Voltaire), Jean-Jacques Rousseau, Victor-Marie Hugo e François-René de Chateaubriand. Transcreve em *Longos Serões do Campo*, suas memórias da família radicada no Recôncavo e no sertão da província da Bahia, textos de *romanças* em francês, cantadas em serões na Fazenda Apy, no Catu, por Emilia, que muito atuou na formação da cultura de D. Ana Bittencourt⁽⁴⁾.

*J’ai peur de croire en toi,
Pourtant, malgré moi-même,
Oh! Je le sens, jê t’aime,
Toi, le seul bien pour moi!*

Na mesma ocasião, Daniel, estudante de medicina, doutorando, cantou um hino⁽⁴⁾:

*Brulant d’amour en partant pour la guerre
Le troubadour, ennemi du chagrin,
Tout le matin à sa jeune bergère,
Disait ainsi, en chantant ce refrain:
Mon bras pour la patrie,
Mon coeur pour mon amie,
Mourir content pour la gloire et pour
l’amour,
C’est devoir d’un vaillant troubadour.*

Obras de Pintura

F. Leciague & Comp. anunciava, em 1846: tem uma linda coleção de *painéis da escola flamenga para vender*⁽²⁸⁾.

No livro de M. Froger, *Voyages de Mr. de Gennes*, (Genes Froger (696/7) Paris, 1698, foi estampada vista da Bahia

no fim do século XVII, reproduzida por F. Coreal, (1722). Peixoto A. Breviário da Bahia, 1945⁽¹⁹⁾.

Ribeiro pintou o grand Théâtre à Bahia (Teatro São João: Victor Frond, Photogr. Aunbran, Lith. Lemercier Imo. Paris. Cf. Gravura in Peixoto A. Breviário da Bahia, 1945⁽¹⁹⁾).

O celebrado pintor baiano Manoel Lopes Rodrigues (1861-1917) fez estudos em Paris. Suas telas de influência francesa: *Sans souci, Adieu, Meu atelier em Paris*⁽²⁰⁾.

Chafariz

O belo chafariz da Praça do Terreiro de Jesus, defronte do palacete da Faculdade de Medicina da Bahia, foi instalado pela Companhia do Queimado, é de fabricação francesa, da fábrica de *Veuve André et Fils*, em *Champagne*, em ferro fundido à semelhança de bronze. É encimado por uma estátua de configuração de mulher, de estatura natural, reproduzindo a deusa *Ceres*. *Diário de Viagem ao Norte do Brasil – D. Pedro II*⁽¹⁸⁾. Foi instalado c. 1855 (N. A.)

A Companhia do Queimado foi estabelecida em 1852 para prover a cidade da Bahia com água canalizada para chafarizes e distribuída em 1857 por penas d'água domiciliares e *casas de vendagem*⁽¹¹⁾.

Teatros

Os primeiros teatros a funcionarem na cidade da Bahia foram o teatro da Câmara, em 1733; a Casa da Ópera, à Rua do Saldanha, no fim do século XVIII e início da centúria seguinte, o Teatro de Guadalupe, ao depois denominado Casa de Ópera Velha, construído de madeira e forrado de pano, em atividade na praça com o mesmo nome. Nos Oitocentos, instalou-se em 1837 o Teatro São Pedro de Alcântara, na Rua de Baixo de São Bento, atual Rua Carlos Gomes. Funcionou um teatro no Paço do Ferrão, no Maciel de Baixo. Em 1868, em um barracão do Ginásio do Bonfim, Eugênia Câmara representaria “O Gonzaga”, de Castro Alves. Em 1870, o Alcazar Lírico Bahiano, no Campo Grande e o Politeama Bahiano, de 1882 a 1933. Todavia, o mais importante dos teatros da Bahia foi o Teatro São João, na Praça Castro Alves, antiga Portas de São Bento, e Praça da Quitanda. Sua construção teve início em 1806 e concluída a 13 de junho de 1812, com a inauguração pelo governador Dom Marco de Noronha e Britto, 8.º Conde dos Arcos, no aniversário do Príncipe Regente D. João. Foi destruído por um incêndio a 8 de junho de 1923. Victor Frond-Bachelier foi o autor de uma gravura, dada a lume em 1861, no Atlas de Ribeyrolles⁽¹⁹⁾.

O Teatro São João, *o edifício da ópera*, levou à cena o drama *O Naufrágio da Medusa*, adaptação levada a efeito pelo seu autor, Eugène Sue, do romance de sua autoria *A Salamandra*, levado a lume em 1832 e inspirado na sua experiência como cirurgião militar em navios da Marinha Francesa⁽⁴⁾.

Troupe teatral francesa, que se dirigia para Maurice e Bourbon, tinha como diretores os senhores Welter e La-

coste, transportada pelo navio francês *Victor Jacquemont*, procedente de Nantes, que aportou na cidade da Bahia para reparar avarias severas em seus mastros. A dita Companhia aproveitou a estadia para as azáfamas com o concerto, para se apresentar no Teatro São João⁽²⁸⁾.

A orquestra do Teatro São João executava, com *maestria*, as profonias de Pleyel e Boyeldieu. *Von Spix e Von Martius. Reise in Brasilien*⁽²⁹⁾.

Cinema

Em 4 de dezembro de 1897, é inaugurado o primeiro “Cinematographo” na Bahia, *falante*, no Theatro Politeama, que teve vida efêmera por defeito do aparelho ou imperícia do operador. Em meados do ano seguinte, 1898, é inaugurado o Cinema Lumière, na rua Carlos Gomes. *São em grande numerosas as vistas animadas e importantes ...*, dizia o anúncio⁽²⁵⁾.

Carnaval

O carnaval no Brasil foi introduzido em 1854, a 28 de fevereiro, no Rio de Janeiro. Os confetti apareceram em Paris no inverno de 1891 a 1892, e usados na Bahia em 1894. “*Mr. Luè, director do theatro Casino na grande capital franceza, foi quem teve a Idea de substituir por confetti de papel os que eram preparados na Itália, e por signal muito grosseiros. Escreveu para isto a seu irmão, engenheiro em Modena, pedindo-lhe que enviasse uma certa quantidade dos pequeninos pedaços, tirado das folhas de papel, que eram furadas para cultura do bicho de seda. O sucesso foi completo. Quanto ás serpentinas, a Idéa partiu de um empregado dos telegraphos de Paris, que pôl-a em pratica, atirando um rolo de fita do papel destinado ao telegrapho Morse. Paris inteiro o imitou e, logo após, todo o mundo civilizado também*”⁽¹⁷⁾.

Em 7 de janeiro de 1863, a gazeta Diário da Bahia, publicou em francês:

“... *Madame F ...*

Aujourd'hui je vous attend au masque, pour bondir avec vous, et boir un verre de Champagne.

Le Pierrot Rouge ...”⁽²⁵⁾

Sexualidade

Pyrard de Laval permanece na Bahia apenas dois meses no ano de 1610 e relata o caso de um marido enganado pelo filho do Governador, Francisco e Menezes, surpreende o jovem amante no quarto de sua consorte e o fere ligeiramente, recebendo a sua mulher cinco ou seis golpes de espada⁽²⁸⁾.

Froger declara que “*os habitantes da Bahia amam o sexo à loucura ...*”⁽²⁸⁾.

Gentil de la Barbinais, em 1718, diz que “*Os costumes são corrompidos neste país e o homem não ruboriza-se nunca. As mulheres não são menos libertinas; elas vivem em desordem pública*”.

De sua casa de residência, Tollenare, em 1817, “*deleita-se em observar as artimanhas de “ardentes africanas” entrar*

no pequeno bosque atrás da igreja da Vitória. ... ”⁽²⁸⁾.

Hotéis

Hotel de Figueiredo, ou *Hôtel Février*, cujo nome verdadeiro é Hotel Universo, de propriedade do francês Pierre Février, e que está registrado nos almanaques administrativos desde 1858⁽¹¹⁾.

Também lá ficou hospedado o Príncipe de Habsburg, Ferdinando Maximiliano José da Áustria, em 11 de janeiro 1860. O mesmo Hotel Figueiredo, ou *Hôtel Février*, hospedou o poeta Castro Alves com Eugênia Câmara, no seu retorno de Recife, em 29 de maio de 1867⁽¹¹⁾.

Dois estabelecimentos franceses: o *Hotel Paris* e o *Hotel Francês* se instalam próximos, frente à frente, na praça onde está o Teatro São João, na esquina da subida em direção ao Mosteiro de São Bento⁽²⁸⁾.

O Almanach para o anno de 1845 / Bahia, registra à página 239: *CASAS DE PASTO E HOSPEDARIAS / Hotel do Universo de João Baptista de Figueiredo, ao largo do Theatro: n’essa casa se hospedão as principaes pessoas, que aportão á esta Cidade*⁽³⁰⁾.

Em 3 de agosto de 1861, o jornal Diário da Bahia anuncia hospedarias na França:

“Hospedaria em Paris
30 Rua de Montholon 30
Mme. E. de Schoro e C.

Nesta casa, situada em um dos melhores bairros da cidade, proximo aos **boulevards**, há excellentes quartos mobiliados para familias e todos os commodos que possuem desejar as pessoas que visitão aquella capital. O serviço é feito com aceio e promptidão, e a cozinha é a franceza ou á brasileira conforme o gosto dos senhores viajantes.

A proprietaria d’este estabelecimento e alguns criados fallão o portuguez. Alem disso falla-se allemão, inglez e hespanhol. Há mesa redonda: mas podem ser servidas nos seus aposentos as pessoas que assim o desejarem. Alguns senhores negociantes da Bahia, que se hospedarão na casa de Mmme. Schoro e C. no anno passado podem dar testemunho do bom tratamento que alli tiverão e das commodidades dos preços”⁽²⁵⁾.

Cemitério do Campo Santo

Teve início a sua construção em 1836 e, ainda em construção, foi adquirido pela Casa da Santa Misericórdia em 21.02.1840 e possui bellissimo acervo de arte cemiterial, parecendo que seus mausoléu, elementos decorativos e simbologia de esculturas sofreram influencia do afamado e majestoso cemitério Père Lachaise, em Paris. Os sepultamentos verificados no meado do século XIX, algumas esquifes levando mortos de familias mais abastadas eram conduzidos em “*attelage à la Daumont*”, carruagem de 4 cavalos, co-

mandada por 2 boleiros⁽¹¹⁾.

A nívea e sem mácula estátua de mármore, a *Fé*, de autoria do escultor alemão Johann Von Halbig (1814-1882) está registada na Grande Encyclopédie Française, vol, 19, pág. 751: “*munument funéraire...du Marechal Cachaiba d’Argollo (sic) pour Bahia, Brésil*” ... – (Barão de Cajayba, Alexandre Gomes de Argollo Ferrão) – (N.A.)^(9, 19).

O cemitério Père-Lachaise, o maior e mais celebrado de Paris, foi construído pelo arquiteto Alexandre Théodore Brongniart, ordenado por Napoleão, em 1804, nome dado em homenagem ao jesuíta François d’Aix de La Chaise (1624-1709), conhecido como Le Père Lachaise, confessor do rei Luiz XIV.

A influência da requintada culinária francesa

A partir do século XIX a alimentação na Bahia é influenciada pela França, Inglaterra e Itália. Todavia, desde o início do Brasil das capitânicas e das províncias, tinha a alimentação na Bahia influência portuguesa, indígena e africana.

Já no dealbar da terceira década do século XX, as classes “conservadoras” ofereceram em 12 de abril de 1919, no Palácio da Associação Comercial da Bahia, banquete em homenagem ao Senador Conselheiro Ruy Barboza, ao som de uma orquestra, em sala que “resplandecia no aspecto deslumbrante da decoração e da luz farta”.

Foi servido o seguinte cardápio:

“*Potage – Crème d’Asperges.*
Relevée – Petit paté aux crevettes sauce tartare. Poisson braisé sauce brésilienne.
Entrée – Croquettes de Canard aux fines herbes. Filet de veau à la Parisienne.
Rôt – Dindonneaut rôti. Jambom d’York à la gelée. Penachée Salade russe.
Desserts – Creme à la reine et à Vanille. Tartes au confitures ao Chocolat. Gateau variés de Bahia. Fruits de la Saison. Fromages.
Vins - Xerés, Madeira, Sauterne, Graves, Medoc, Collares, Chan, Larose, Pomard, Champagne Frapée, Liqueurs, Cigars.
Hotel Sul Americano, Bahia, 12 de Abril de 1919”⁽¹⁵⁾.

1871, 10 de fevereiro. – Nos salões do Palácio da Associação Comercial, a Colônia Francesa promove uma reunião pelo Comité du Pain para coleta de óbolos em favor das crianças de Paris e das famílias francesas que sofreram com a guerra franco-prussiana. “D. Antonio de Macedo Costa, Bispo do Pará, foi o primeiro a usar da palavra, expondo o “*fim daquela democrática e humanitária quanto cristã reunião, quer era socorrer, com o auxilio de que cada um pudesse dispor, aos filhos da nobre e heróica França, expostos hoje à fome, à miséria, à nudez, à morte nos combates, por causa da sua Pátria*”. “*O último orador foi Castro Alves que trajado de preto, compareceu a cavallo, e recitou sua derradeira poesia os versos*⁽³⁾.

Castro Alves foi “*recebido com entusiasmo, recitou as formidáveis estrofes, em alexandrino hugoanos, que valiam*

pela repulsa ao vencedor, pelo desagravo ao vencido, pela convocação das forças americanas para que se encontrassem em torno da justiça e da inteligência.

Duas estrofes merecem ser citadas⁽⁶⁾:

*“Já que Rousseau sucede Machiavelo,
Já que a Europa do altar fêz-se escabêlo,
Da guerra meretriz,
Já que o sonho de Canning era falso,
Já que após abolir-se o cadafalso,
Crucificam Paris.”
“Ó França! Deste a luz que de teu ser jor-
rava!
Ó França! Acolhe agora em recompensa ...
o pão.
O Cristo no deserto os pães multiplicava,
Faça agora o milagre, ó França, o cora-
ção!”*

Nas últimas décadas do século XIX, já era muito importante a presença da comunidade francesa na cidade da Bahia. Estudavam e liam Filon, verbos de Halbout, vestia-se pelo muito “*chic*” *Bon Marché*, frequentavam o *Au Gastronome* e o *Chalet Parisien*⁽²⁷⁾.

Muito embora tivesse a denominação francesa *Palais-Royal*, o estabelecimento comercial era de propriedade do Comendador Lopes de Carvalho, e ficava localizada na Praça do Comércio, esquina da rua que seguia para a ladeira do Tabuão. Vendia-se sementes, chá, cera, velas, etc⁽²⁰⁾.

Vária

Anúncios em gazetas

As gazetas da cidade da Bahia, a partir de 1875, anunciavam: “Vinho do Bordeuax em garrafas no Armazém Concha d’Ouro; Camisas francesas: São boas de qualidade de fazenda, perfeições elegancia e em duração, peitos e punhos e colarinho de finissimo linho puro, colarinho moderno e custa apenas 25 U cada cartão com 6 camisas, na loja Caboclo. ... : Chegarão os desejados sapatos a Czarina (para senhoras) são de pellica francesa, saltos a Luiz XV, com fitas para amarrar na frente do pé Armazem do calçado Aguiã de Ouro; Affamados Pianos franceses de J. Lacape. Deposito á rua Nova do Commercio n.º 37⁽²⁵⁾.

Remédios e curas

O jornal Diário da Bahia anunciava: “Xarope anti-epidêmico de phenato de ammoniaco do Dr. Declat contra epidemias, Febre Amarela, Febre Perniciosa, Febre Typhoidea, Typho, Dysintéria, Variola, Croup, etc. Esta medicação se empregou com o maior exito durante a ultima epidemia do Senegal. Deposito Geral em Paris: 6, Avenue Victoire. Deposito na Bahia: Galdino Fernandes e Filho⁽²⁵⁾.

Por sua vez, a gazeta Jornal da Bahia dava a conhecer a cura bombástica de remédios franceses nos anos de 1834, 1854, 1863 e 1876:

“ROB LAFFECTEUR

O unico auctorizado por decisão do conse-

lho real e decreto imperial.

Os medicos dos hospitaes recommendam o robe de Laffecteur, como sendo o unico auctorizado pelo governo e pela real sociedade de medicina. Este medicamento de um gosto agradavel e facil de tomar em secreto está em uso na marinha real dêsde mais de 60 annos; cura radicalmente em pouco tempo, com pouca despeza, sem mercurio, as affecções da pelle, impigens, as consequencias das sarnas, ulceras e os accidentes dos partos, da idade critica e da acrimonia hereditaria dos humores; convem aos catharros da bexiga, as contracções e a fraqueza dos orgãos, procedida do abuso das injecções ou de sondas. Como anti Syphilitico, o robe cura em pouco tempo os fluxos recentes ou rebeldes, que volvem incessantes em consequencia do emprego da copaiba ou das injecções que representam o virus sem neutralisal-o. O robe Laffecteur é especialmente recomendado contra as doencas inveteradas ou rebeldes do mercurio e do iodureto de potassio. ...”⁽⁵⁾.

“ESPECIALIDADES

Retenções da ourina, todas as enfermidades de olhos, e os estreitamentos do canal da uretra são perfeitamente em menos de um minuto, ourinando-se immediatamente como antes de estar doente. Este beneficio, que se obtem pelo methodo, de que é autor e proprietario o annunciante é tão eficaz e suave, que a maior parte dos doentes são operados sem o saber. Destroe a pedra na bexiga, sem produzir uma gota de sangue.

Muitas vezes os enfermos julgam ter pedra, quando todo o mal é devido a um estreitamento do canal da uretra, o que um facultativo sabe esclarecer: cousa tão importante para um doente.

As pessoas que não poderem dar 100\$ serão gratuitamente operadas. Os caixeiros darão 150\$, e todas as mais pessoas conforme suas fortunas. Quando não se obtiver o resultado promettido, não se dará gratificação alguma: a paga e no acto da operação. A operação é feita no hotel Bahiano, onde esta morando, e os que a quizerem em suas proprias casas mandarão conducção, e o chamado por escripta indicando a morada.

O annunciante é bem conhecido no Rio de Janeiro, Montevideo, em todas as provincias do sul; 40 annos de boa experiência n’estas especialidades são segura garantia para os que

Ihe prestarem confiança. Partirá da Bahia para Paris, sua patria, a 29 de Junho, mas n'este curto espaço de 29 dias, poderá curar immenso numero de enfermos. Pode ser procurado no hotel Bahiano, das 10 da manhã ás 2 da tarde.

Bahia, 29 de Maio de 1863

Carlos André Louiqui

Doutor em medicina, legalmente autorizado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro

Diário da Bahia - 13 de Junho de 1863⁽⁵⁾.

“ASTHMA

Alliviado e curado por meio dos CIGARROS INDIOS DE GRIMAULT E Cia. , PHARMACEUTICOS DE PARIS

Este novo medicamento é de uma excellente applicação para combater as affecções das vias respiratorias. Basta aspirar a fumaça dos Cigarros Índios para fazerem desaparecer completamente os mais violentos ataques de Asthma, Tosse nervosa, Rouquidão, Extinção da voz, Nevralgia facial, Insomnia, e também combater a Tisica laryngea ...”⁵

“COLLARES ELECTRICOS Legitimos de Boyer

AVISO ÀS MÃES

Acabam de chegar os verdadeiros COLLARES ELECTRICOS, de diferentes preços e numeros. Não só facilitam a dentição das crianças, como as preservam das “convulsões”; seu efeito é maravilhoso e ‘Infallivel’! O annunciante affiança serem estes artigos de primeira qualidade, pois que teve occasião de pessoalmente fazer estas encomendas e entender-se a respeito com os fabricantes.

CUIDADO COM AS FALSIFICAÇÕES

Vende-se provisoriamente no salão do Hotel Figueiredo.

Jornal da Bahia – 12 de Julho de 1876.⁵

Consoante Silva Lima, “eram poucas as especialidades pharmaceuticass em voga por esse tempo, como o Leroy francez, o Rob antisymphillitico de Laffecteur, que custava a bagatela de 16\$000 a garrafa, e que deixou de curar depois que Dorvault lhe vulgarisou a formula que tinha para cima de trinta ingredientes vegetaes;...”⁽¹⁴⁾.

Vêtement

Ferdinand Denis declara que “as mulheres brasileiras que apareceram nas igrejas vestidas com nossas modas france-

sas reencontram no seu interior o costume brasileiro”⁽²⁸⁾.

“Os figurinos francezes já então dominavam o penteado e o vestuario das senhoras. Aos altos penteados antigos, com enormes pentes de tartaruga rendilhados, de um palmo de altura (trepa-moleque) e que excluía o uso de chapéus ou toucados, succederam outros mais modestos, de muito menor elevação, que se accommodavam na chapelinha, que estava em uso”⁽¹⁴⁾.

Silva Lima diz: “elegantes desse tempo, petit-mâitres, como os chamavam, vestiam casaca de pano azul, ou verde, com botões dourados, colete branco ou de côr, com bordados; camisa com folhos de frente; chapéu alto de castor; calça branca, ou de côr clara, com puchadeiras, ou polainas”⁽¹⁴⁾.

“Os medicos mais afamados andavam em cadeirinha, ou a traziam atraz de si, carregada por uma parelha de alentados africanos, e, ás vezes, seguida de outra, de promptidão, para o caso de cansar a primeira. Vestiam com elegancia, andavam perfumados, usavam sinetes e berloques (breloques) na cadeia do relógio, e a classica bengala de canna da India com castão dourado, e borlas de retroz preto, pendentes aos lados. Os honorarios mais caros não excediam de quatro patacas em prata, por visita”⁽¹⁴⁾.

A braguilha, invenção franceza ainda não era de uso geral⁽¹⁴⁾.

Atividades

As “jeunes filles” da Bahia cantavam a *habanera* da ópera Carmen e, em aristocráticas residências no arrabalde da *Victoria*, iniciavam as danças por uma “*quadrille d'honneur*”.

Um professor, chamado Marqueton, ensinava “*quadrilhas francezas nos collegios e nas salas de dança, ao som de uma rabequinha em miniatura, que elle trazia no bolso interior do casaco*”⁽¹⁴⁾.

A comunidade francesa e a sociedade da Bahia costumavam frequentar a sorveteria *Chalet Parisien*, situada na esquina do Forte de São Pedro com o Campo Grande.

O *Almanah para o anno de 1845* registava: a *modista Madame Laurent* atendia à *rua direita de Palacio*; o *mestre de dança Julio Marqueton* exercia suas atividades à *Estrada da Graça*; Os *cabeleiros franceses Bonet*, na *rua do Palácio*, n. 67 e *Largeau*, nas *Portas de S. Bento*, numero 62; *Vidra-ceiro Bertrand Geraque*, à *rua nova do Commercio*; *Armeiro Chuchu Frederic*, *Beco dos Calafates*; *Mecanista Louis Lemelle*, *Beco ds Calafates*; *Alfaiates Pinelle*, *Francez*, *Rua da Alfândega*, n.89, *Manoel Parer*, *Francez*, n.93 e *Hypolite Parer*. *Vendedores de Jóias Camillo Borel*, estabelecimento novamente feito onde se achão grandes preciosidades, sempre modernas, vindas do Rio de Janeiro, e de Pariz, na *rua nova do Commercio*⁽³⁰⁾.

“... donairosas senhorinhas afluíram à loja “A PARIS”, sita à rua Direita do Palácio, com o objetivo de confeccionar com Mme. Lefèvre Junior, modista e costureira de Paris, “hautes-nouveautés” em moldes de vestidos

de “*foulards de Naples*” para bailes, recebidos da primeira casa de Paris, “*Gagelin & C.*”, da Casa Imperial e de S.R.R.D. Philippe, duque de Saxe.

Foi também muito requisitada a loja de cabelereiro, sob a responsabilidade de Henrique A. Beck e August Declereq, que executam com perfeição o penteado “*cock-cache peint*” frisado⁽⁵⁾.

Outros franceses residentes na capital da província da Bahia escolheram outras paragens do Brasil para o exercício de suas atividades, a exemplo de Charles Etchgoyen, Louis Anselme Bonnefoy, Aimable Gense. Para o interior da província se deslocaram Cesaire Marie Catalã, e François Lavigne, que se fixou em Ilhéus⁽²⁷⁾.

O “*grand mond*” francês comparecia aos vapores da “*Chargeurs*” para apreciar deliciosos “*vin de bord*”. Todo dia 14 de julho, a colônia francesa, em conjunto vocal, cantavam a *mélancolique* “*Medaillon*”⁽²⁷⁾.

Société Française de Bienfaisance

A briosa e simpática comunidade francesa na Bahia criou em 9 de fevereiro de 1868 os *Status adoptés par la Société Française de Bienfaisance*, para atender uma mais eficiente organização ao grande número de franceses chegados à Bahia, como consequência da intensa emigração devido as condições da Pátria Francesa dois antes da guerra franco-prussiana.

A Société estatuiu “*formée à Bahia, sous le titre de Société Française de Bienfaisance, une association de Français, jouissant de leurs droits civils, ou associés et représentants laquelle se propose pour but de prêter assistance aux Français dans le besoin*”.

Os “*membres fondateurs*” faziam parte dos franceses que viviam na Bahia há cerca de cento e quatro anos: Pierre Ballalai, Eugéne David, antepassados do caritativo médico homônimo, que tinha casa de residência no bairro de Itapagipe; Baptiste Estabenet; Maurice Vergne; Emile Busquet e outros mais⁽²⁷⁾.

Outras ilustres personalidades francesas na Bahia

Outras personalidades francesas muito distintas na Bahia da centúria XIX: Revault, Pavie, Chuchu, que era franco-indochinês. Dentre os eminentes israelitas que viviam naquele tempo na Bahia e que possuíam passaporte francês estavam Gabriel Hirsch, Bernard Levy, os irmãos Samuel e Benjamin Bompét, Michel Bloch, Samuel Sinay e muitos outros⁽²⁷⁾.

Jornais e revistas

O jornal “*Idade d’Ouro do Brazil*”, que teve seu primeiro número publicado no dia 13 de maio de 1811, “*ocasião do fausto Natalício de S. A. R. O PRINCIPE REGENTE N. S.*”, um dos primeiros jornais publicados no Brasil, os primeiros jornais publicados no Brasil⁽⁸⁾.

Vida efêmera teve a revista literária “*As Variedades*”, que

circulou durante apenas três meses⁽²⁸⁾.

Consoante relatório de 1841 do cônsul francês na Bahia, M. Vallat dirigido ao “*Ministère des Affaires Étrangères de Paris*”, “*Existem na Bahia sete jornais: O Monarquista, O Athleta, O Presente, O Futuro, O Constitucional, A Gazeta Comercial, O Correio Mercantil. Ao depois apareceram O Commercio, O Mercantil, O Tamoyo, O Guaycuru, O Jornal da Bahia e o Diário da Bahia*”⁽²⁸⁾.

Em 1899, aparece no cabeçalho do Diário da Bahia, abaixo do título e da indicação do administrador, lê-se: “*... São nossos correspondentes em Paris para publicações os senhores Mayence, Favre e Companhia...*”⁽²⁵⁾. Com os seus correspondentes em Paris, o Diário da Bahia publica vários artigos traduzidos de edições francesas, além da coluna feminina “*Moda*”, assinada por Juliette Dubois⁽²⁵⁾.

Após o decreto de Abertura dos Portos Brasileiros às Nações Amigas, promulgado por carta régia pelo príncipe regente Dom João de Portugal a 28 de janeiro de 1808, na cidade da Bahia, aportou no Rio de Janeiro, a bordo do navio *Calpe*, a 26 de março de 1816, escoltado por fragatas inglesas, um grupo de artistas e artífices franceses, que revolucionou as artes na Corte, o qual ficou conhecido como Missão Artística Francesa, liderado por Joachim Lebreton (1760-1819), ex-secretário do Institut de France. O sobredito grupo era constituído por Jean Baptiste Debret (1768-1848), pintor, Nicolas-Antoine Taunay (1755-1830), pintor, August Henri Victor Grandjean de Montigny (1776-1850), arquiteto, Charles de Lavasseur, arquiteto, Louis Ueier, arquiteto, Auguste Marie Taunay (1766-1824), escultor, François Bonrepos, escultor, e mais 1 gravador, 1 mecânico, 1 ferreiro, 1 serralheiro, 2 peleteiros, 2 carpinteiros e 1 moço aprendiz. A Missão Artística Francesa teve relevante papel no progresso das artes no Brasil.

No mesmo ano de 1816, esteve no Brasil o botânico e naturalista francês Augustin François César Prouvençal de Saint-Hilaire (1799-1853).

PARTE II

A fantástica Medicina francesa modelando a Medicina baiana nos Oitocentos e no dealbar do século XX

Até o ocaso da centúria XVII, Portugal impedia o desenvolvimento intelectual do Brasil Colônia, como meio coercitivo para refrear as aspirações separatistas brasileiras, reprimidas em 1793. Nesse tempo, a metrópole impediu a entrada de livros franceses no Brasil e havia na mesma data apenas uma livraria no Rio de Janeiro contendo apenas obras de teologia; os livros de medicina expostos à venda eram de autores lusitanos. Os brasileiros tinham a profissão científica proibida. Por força de édito real de 1.º de maio de 1800, apenas quatro estudantes, indicados pela municipalidade do Rio de Janeiro, deviam continuar seus estudos, a cada ano, em Coimbra: dois alunos para as matemáticas, um para medicina e um para cirurgia, determinação adotada em virtude da reclamação do 4.º Vice-Rei do Brasil, no período

de 1778-1790, Luiz de Vasconcellos e Souza, (1742-1809), conde de Figueiró, que asseverava haver no Rio apenas quatro médicos para prestar a precisa assistência médica ao povo⁽³¹⁾.

Elevado o Brasil à condição de Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, a partir da promulgação da lei de 16 de dezembro de 1815, firmada por D. João e tornado-se independente de Portugal em 7 de setembro de 1822, romperam-se de vez todos os vínculos de cultura com Portugal, sucesso que afastou os estudantes brasileiros da Universidade de Coimbra, os quais decidiram abeberar-se do progresso cultural e científico na França. Destarte, a salutar influência gaulesa na medicina brasileira e na literatura e, como já foi dito anteriormente, nos costume, na sociedade, no vestuário e na alimentação. Da França aportaram no Brasil médicos, boticários e dentistas e até *filles de joie*. Eram publicadas as primeiras traduções de *précis* e de *traités écrits sur la médecine française* para o aprendizado dos alunos das Escola de Cirurgia da Bahia, Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro e Colégios ou Academias Médico-Cirúrgicas da Corte e da Bahia e as Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia, publicados pela Tipografia de Manoel Antonio da Silva Serva, instalada na capital da província da Bahia em 1811, e pela Imprensa Régia, criada a 13 de maio de 1808, pouco tempo depois de desembarque do príncipe Regente no Rio de Janeiro.

No incipiente ensino médico no Brasil, que seguia o modelo de Portugal e Europa, a Cirurgia era carente de prestígio e era julgada uma atividade inferior à Medicina propriamente dita. Era comum a diferença entre “cirurgião” e “médico”, sendo este chamado outrora de “físico”, do inglês “*physician*”.

O cirurgião de antanho era considerado “prático licenciado”, título obtido pela exibição de atestados de habilidade profissional, outorgado pelo “cirurgião-mor” ou cirurgião credenciado por autoridade da Câmara; existia, ainda, a figura do “cirurgião licenciado”, título concedido ao “praticante” ou aluno pela Escola de Cirurgia da Bahia que tivesse o tirocínio escolar de dois ou três anos e se submetesse a “exame de habilitação”. Alguns estudantes se valiam dessa prerrogativa para não completarem o curso e se iniciavam sem tardança na profissão; o título de “cirurgião formado” era conferido aos estudantes do Colégio Médico-Cirúrgico da cidade da Bahia que tivessem cursado a Escola de Cirurgia da Bahia e concluíssem o curso de 4 anos no Colégio Médico-Cirúrgico; aqueles alunos que estudassem somente 4 anos naquela instituição eram considerados “Cirurgião formados” e os que cursassem 5 anos, seriam reconhecidos como “médico formado”.

Alçado o “Colégio Médico-Cirúrgico” à “Faculdade de Medicina”, pela lei de 3 de outubro de 1832, que instituiu curso de seis anos, e estudo de 15 disciplinas e tornava obrigatória a defesa de “tese de doutoramento” ou “conclusões magnas” para a graduação em medicina, extinguiu-se a diferença entre “cirurgião” e “médico”, para formar o “médi-

co” ou o “doutor em ciências médico-cirúrgicas. Havia, ao depois, a precisa especialização como “cirurgião”. As ditas faculdades concediam aos diplomados os títulos de doutor em Medicina, de farmacêutico e de parteira.

Anteriormente à promulgação da lei de 3 de outubro de 1832, os formados pelo Colégio Médico-Cirúrgico da Corte ou da Bahia iam completar ou revalidar seu tirocínio médico estudando nas faculdades de medicina de Coimbra, Paris, Montpellier e Edinburg.

Na Europa, as concepções no âmbito das ciências, letras, das políticas e das economias são transformadas a partir do ano de 1848. É o despertar de uma época marcante e memorável para o pensamento humano. As idéias são bem estabelecidas e ordenadas. A humanidade preocupa-se sobremaneira com os aspectos práticos e o fato, o espírito positivo e o materialismo sobrelevam-se sobre os métodos espiritualistas. Eclode a Revolução Industrial e entra em cena a ciência de resultados práticos. O mundo contempla a ciência positiva e experimental debutarem⁽³⁷⁾.

No século XIX, de 1808 a 1866, a medicina praticada em terras *bahinenses* sofre considerável influencia da medicina especulativa dos europeus, baseada em fisiologia hipotética. Dentre muitos médicos do Velho Continente, criadores de teorias médico-filosóficas, como Paul Joseph Barthez (1734-1806), François Joseph-Victor Broussais (1772-1838), John Brown (1735-1788), Giovanni Rasori (1766-1837) e Tomasini tiveram panegiristas e adeptos professores das gerações de médicos saídos da Escola de Cirurgia da Bahia (1808) - a primeira instituição de ensinamentos superior e médico, criada no Brasil, - e do Colégio Médico Cirúrgico da cidade da Bahia (1815-1832) e da Faculdade de Medicina da Bahia (FMB) (criada em 1832). Predominava a doutrina de Barthez, até 1966. Por sua vez, Broussais teve como apologista Jozé Lino Coutinho (1784-1836), Lente de Patologia Externa do Colégio Médico-Cirúrgico da cidade da Bahia. Os lentes Antonio Januario de Faria (1822-1883), professor de Clínica Médica da Faculdade de Medicina da Bahia e Malaquias Alvares dos Santos (1810 ou 1816-1856), lente de Medicina Legal da mesma Faculdade, professam o vitalismo da Escola de Montpellier. A tese de concurso de João Jozé Barboza de Oliveira, (1816-1874), genitor de Ruy Barboza define a doutrina daquele tempo. E Egas Carlos Moniz Sodré de Aragão (1842-1893), lente de Patologia Geral da Faculdade de Medicina da Bahia exhibe, mais tarde, em livro, (*A vida e os fenomenos vitaes*, - N.A.), levado a lume em 1892, que demonstra a doutrina do vitalismo já ultrapassado. O sistema especulativo de Barthez sustenta a fisiologia hipotética ao afirmar que “*na economia do corpo humano, há uma solidariedade completa entre todos os órgãos, necessária para a saúde e cura de cada uma das partes do organismo. É o grande princípio hipocrático a valer em todos os tempos. Toda doença é geral, morbus totius substantia*”⁽³⁸⁾.

Ambas foram inspiradas no modelo francês, através das Faculdades de Medicina de Paris e de Montpellier.

As Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia foram implantadas pela lei de 3 de outubro de 1832, promulgada pela Regência Trina Permanente, eleita pela Câmara Nacional em 17 de junho de 1831, composta pelos deputados José da Costa Carvalho, João Bráulio Moniz e Brigadeiro Francisco de Lima e Silva⁽³³⁾.

As sobreditas faculdades reorganizaram as Academias ou Colégios Medico-Cirúrgicos da Corte e da província da Bahia, consoante a lei de 3 de outubro de 1832, e estavam sujeitas aos “estatutos e regulamentos da Universidade de Paris, na parte que lhes fosse applicavel, e quanto ao mais providenciando por meio de regulamentos provisórios”^(38, 44).

Em derredor dos sobreditos regulamentos da Faculdade de Medicina da Bahia é de bom alvitre conhecer “o artigo 14.º da Lei de 3 de outubro de 1832, a qual reformava o ensino médico, chamando-se Faculdade de Medicina ao Colégio Médico-Cirúrgico desta cidade, o mesmo acontecendo com o do Rio de Janeiro. Lavrava o sobredito artigo que competia às Faculdades (“...”) “2º verificar os Títulos dos Médicos, Cirurgiões, Boticários, e Parteiros obtidos em Escolas Estrangeiras os conhecim.^{tos} dos mesmos indivíduos, por meio de exames, afim de q. elles possam exercer legalmente suas profissoens em qual q.^r parte do Imperio”. E exarava o artigo 29: “As pessoas q. tendo obtido Titulo de Formatura em qualquer Escola Estrangeira, quizerem obter o de Dr. nas do Brazil, justificando previam.^{te} a ident.^e da pessoa serão dispensadas som.^{te} da frequencia das Aulas, e sujeitar-se-hão a todos os Exames, e onus, a q. forem obrigados os Alumnos das Faculd.^{es} Brasileiras: as pessoas porem, q. ainda não tiverem obtido os ditos Títulos, serão dispensados som.^{te} da frequencia das materias científicas, que authenticam.^{te} mostrem ter estudado”⁽³²⁾.

As lições de medicina na Bahia, nos seus primórdios, eram carentes de bases científicas e de laboratórios, na maioria das vezes por penúria pecuniária, provida da Corte, no Rio de Janeiro. Os lentes liam as lições escritas em francês, que eram, além de verbalizadas, palavrosas, extremamente teóricas, além de exibirem, em algumas ocasiões, peças de oratória, às vezes medíocres, às vezes plenas de facúndia, ornadas de afetação de eloquência, consoante se deu conta o Imperador D. Pedro II, quando visitou a Faculdade de Medicina da Bahia, em 1859. Dentre notáveis cientistas europeus, o grande Claude Bernard, o gênio da fisiologia moderna e da prática do método experimental, descobre, em 1849 a função glicogênica do fígado e o papel do fígado e, em 1865, publica as diretrizes do método experimental: *Introduction à l'étude de la médecine expérimentale*, lançando, destarte os fundamentos do determinismo científico e as bases de uma nova fisiologia.

No ano de 1855, o imortal Pasteur, mostra ao mundo os organismos microbianos que estabelecem a fermentação do leite, gerando, destarte, a concepção dos microrganismos e conceito de patogenia dos micróbios.

Portanto, reflete-se no Brasil, no alvor de 1866, com o

nascimento da *Gazeta Médica da Bahia*, fundada a 10 de julho do dito ano, divulgação da boa nova das mais recentes descobertas e orientações da medicina. E esse novo método científico penetra na Faculdade de Medicina da Bahia do Terreiro de Jesus, e os apologistas dos ultrapassados sistemas carentes de fundamentos científicos da fisiologia hipotética se rendem aos estudos e pesquisas científicas. *A Gazeta Médica da Bahia* divulga as novas e revolucionárias idéias médicas do século XIX, fundamentadas na ciência experimental, que tem como lídimos precursores três celebrados médicos, todos estrangeiros, Otto Edward Henry Wucherer (1820-1873), John Ligertwood Paterson e João Francisco da Silva Lima, que não pertenciam aos quadros docentes da Faculdade de Medicina da Bahia, e que semeiam por meio do sobredito prestigioso e primaz jornal médico do Brasil a fascinante e novel medicina científica, fundamentada na ciência experimental. Tais celebrados pesquisadores fazem parte da história da medicina dos trópicos, eminentemente experimental e são considerados como os iniciadores da primaz Escola Tropicalista da Bahia.

A Revolução Francesa e as guerras napoleônicas alçaram a França aos mais elevados píncaros da cultura no mundo daquele tempo, mormente pelas soberbas lições legadas à posteridade por afamados médicos, cientistas, escritores, pintores e pleiada de intelectuais e artistas outros.

A insigne escola do espírito e da inteligência de Paris revela médicos que enobrecem e dignificam a história da Medicina

Paul-Joseph Barthez (1734-1806). “Chacun sait que Barthez fut l’auteur fameux des Eléments de la science de l’homme. On sait moins qu’il fut aussi un juriste distingué, et qu’il compta parmi les conseillers à la Cour des Aides de Montpellier. L’Academie des Inscriptions a couronné de lui deux mémoires historiques. Il était amoureux de philologie. Il possédait un grand nombre de langues vivants ou mortes.

L’ouvre maîtresse de Barthez fut le Traité des nouveaux éléments de la science de l’homme, qu’il a entendu rédiger em dehors de toute intervention philosophique ou métyaphysique.

Aus yeux de Barthez, les êtres vivants se distinguent des êtres inanimés par un ensemble coordonné de phénomènes mouvants, mais toujours orientés vers une même fin, et qui sauvegardent la continuité, l’unité, l’harmonie de la matière vivante. ... Son principe vital n’est que ‘la cause qui produit tous les phénomènes de la vie dans le corps humain’. ... Le ‘vitalism’ de Barthez n’anime pas seulement sa représentation hysiologique des êtres; Il dirige ses méthodes de traitement. ... La Nouvelle doctrine des fonctions du corps humain, em 1774, n’est qu’un ouvrage préparatoire. Son Eloge d’Hippocrate est de 1802. C’est de la même époque que datent les traités sur La thérapeutique des fluxions et sur La colique iliaque chroniaque. L’année suivante, le Traité des maladies goutteuses est de pure ligne barthézien-

ne. *La Nouvelle mécanique des mouvements de l'homme et des animaux* devait soulever de vives polémiques. ...Barthez fut médecin du duc d'Orléans, médecin consultant Du roi, membre du Conseil de santé; ... Chancelier adjoint, puis titulaire de l'Ecole de Montpellier; ... C'est à Montpellier qu'il avait vu le jour en 1734, à Narbonne et à Toulouse qu'il avait fait ses études classiques, à Montpellier qu'il avait acquis à vingt ans le grade de docteur en médecine; 1805 le revoit à Paris: c'est son dernier voyage, avant les mois de dures souffrances qui vont précéder sa mort survenue le 15 octobre 1806. Tel fut le savant, avec sa grandeur, et ses faiblesses d'homme. – Gaston Guiraud – Professeur à la Faculté de médecine / Montpellier”⁽⁴¹⁾

Jean-Louis Baudelocque (1746-1810). “... est né à Heilly, près d'Amiens, le 30 novembre 1746. La profession médicale est de tradition dans la famille. Séduit par enseignement que Solayrés faisant à son cours privé d'accouchements, il devint un de ses auditeurs assidus. Distingué par son maître, il ne tarda pas à le remplacer. ...

Quand l'Ecole de santé fut rebâtie, Baudelocque, désigné pour ainsi dire par le vœu public, fut nommé professeur; puis charge, comme chirurgien et accoucheur, de l'enseignement des sages-femmes aux couvents réunis de l'oratoire et de Port-Royal.

La mort avait enlevé les deux maîtres incontestés de l'obstétrique, Levret en France, Smellie en Angleterre. Baudelocque fut alors sans contredit le premier accoucheur de son époque.

La substance de quarante années de travaux fut condensée dans deux de ses livres: *Le premier, Les principes sur l'art des accouchements, est une sorte de catéchisme destiné aux sages-femmes de la campagne. Pour les médecins, qui pouvaient le suivre, Il écrit le second, l'Art des accouchements, véritable corps de doctrine, fondé non seulement sur les opinions de ses devanciers, mais aussi sur une expérience personnelle riche et bien mûrie.*

C'est l'époque où s'engage le grand débat sur l'un des principes essentiels de l'obstétrique: agir ou ne pas agir au moment de l'accouchement. Le forceps venait d'être perfectionné par Smellie et surtout par Levret. Mais comme toujours, dès qu'une science s'enrichit d'une méthode nouvelle, des protagonistes trop zélés tendent à l'appliquer sans discernement. L'autorité de Baudelocque sauve la technique et l'instrument du discrédit. Il formule des règles précises qui vont substituer à l'intervention systématique, une plus exacte appréciation des forces de la nature.

Cependant, il est des difficultés dont le forceps ne peut triompher. Pour les prévenir, il importe avant tout de connaître la conformation du bassin et en particulier le rapport de ses dimensions avec la tête foetale. Baudelocque imagine son compas et on sait avec quel enthousiasme il célébra ses premiers résultats. De nos jours, cette méthode n'a plus qu'un intérêt historique. On peut être surpris qu'à l'époque où seul le toucher servait de guide, la pelvimétrie interne ne se soit pas imposée comme un moyen d'investigation plus sûr,

pour apprécier la capacité obstétricale du bassin. *Question de défiance sans doute, contre l'abus de l'exploration interne, 'car ces attouchements, écrit Baudelocque, rendent les parties douloureuses et les prédisposent à l'inflammation'. Quelle remarque judicieuse pour l'époque préaseptique!*

Réservé sur l'usage du forceps, Baudelocque l'est davantage encore sur celui des crochets, dont il a proscrit formellement l'emploi sur l'enfant vivant. Là encore il est un précurseur; car il fallut un siècle pour que l'anathème de Baudelocque contre le foeticide fût consacré par le célèbre aphorisme de Pinard: *'L'embryotomie sur l'enfant vivant a vécu.'*

C'est pour perpétuer la mémoire de l'homme qui illustra avec d'éclat la première chaire d'enseignement de la Maternité de Port-Royal, que Pinard fit donner à la clinique obstétricale enclose dans les murs mêmes de cet établissement, le nom de Clinique Baudelocque. – Edmond Lévy-Solal – Professeur à la Faculté de médecine / Paris”⁽⁴¹⁾.

Marie-François-Xavier Bichat (1771-1802). “Fondateur de la biologie – quoique le nom soit de Lamarck – Bichat l'a dégagée des doctrines médico-philosophiques qui se partageaient les esprits à la fin du XVIII^e siècle. Anatomiste, chirurgien, expérimentateur ingénieux, observateur précis, Il a su, avec son intelligence intuitive, induire, des faits qu'il trouve, des idées qu'il cherche ensuite à confirmer par l'expérimentation. ...

Né le 14 novembre 1771 à Thoirette, en Bresse, Marie-François-Xavier Bichat était fils de Jean-Baptiste Bichat, médecin à Poncin (Na), qui avait épousé sa cousine germaine, Jeanne-Rose Bichat, et avait fait ses études de médecine à Montpellier. Interne à onze ans au Collège de Nantua, Xavier, pendant les vacances, accompagnait son père dans ses visites médicales. Mis au Séminaire de Saint-Irénée à Lyon, les sulpiciens l'initient à la méthode de Condillac, au raisonnement précis, à la discussion serrée. En 1791, Xavier commence à l'Hôtel-Dieu de Lyon à suivre Marc-Antoine Petit, élève de Desault. Désigné pour l'Armée des Alpes, il fut affecté à l'Hôpital de Bourg: sous les ordres de Buget, il y travailla la chirurgie. Mais l'hôpital est bientôt fermé. Aussi, Xavier, exempt de réquisition comme a 'ouvrier de santé', demande-t-il un certificat de civisme aux 'bons bourgeois de Poncin', et le 21 thermidor an 1 (18 août 1793), en plein Terreur, arrive à Paris. ...

La Société de santé de Paris, fondée le 22 mars 1796 et devenue le février 1797 la Société de médecine de Paris qui dure encore, était surtout une société d'anciens. Aussi le 23 juin 1796, Bichat avec Alibert, Jean Burdin et Husson, fonde-t-il la Société d'émulation et dans son Discours préliminaire, montre avec l'envergure de ses aspirations intellectuelles la position exactement limitée par l'observation et l'expérience où il veut maintenir son esprit scientifique...

Cependant, le 10 février 1798, il publie les Oeuvres chirurgicales de Desault précédées de l'Eloge de Desault. ...

Au début de frimaire an VIII (premiers jours de décembre 1799), il publie chez Richard, libraire, II, rue Hautefeuille, le *Traité des membranes*. Le succès fut énorme. Une seule

voix discordante, celle de Richard à laquelle Bichat se contente de répondre en annonçant les *Recherches physiologiques sur la vie et la mort*.

Cependant, nommée grâce à Chaptal 'médecin du Grand Hospice d'Humanité' le 6 pluviôse an IX (26 janvier 1801), il déploie dès lors une quadruple activité débordant en anatomie, physiologie, anatomo-clinique et thérapeutique, donnant en 1800 les *Recherches physiologiques*, en 1801 l'*Anatomie générale*, en 1802, les deux premiers volumes de l'*Anatomie descriptive*.

Le mercredi 19 messidor an IX, il fit une chute dans l'escalier conduisant à la salle Saint-Raphaël; le lendemain, violent mal de tête; le 21, fièvre; le 24, consultation de Corvisart; fièvre persistante les jours suivants; le 28, accalmie traîtresse; le 29, délire violent et le 1^{er} thermidor, coma jusqu'à la mort le 3 thermidor à 4 heures et demie. Du matin. C'était au 14 de la rue Chanoinesse, dans la maison de Desault ou celui-ci était mort six ans auparavant.

À l'autopsie faite par Roux, le jour de la mort, 'on trouva qu'un épanchement séreux considérable à la base du crâne'. On pense à la méningite tuberculeuse. Bichat avait eu des hémoptyses assez fortes. Il fut comme Manoury, Bayle, Laennec, victime de la tuberculose. ...

Au lieu de partir de la théorie pour en chercher confirmation des examens des malades, Bichat a pris comme fil d'Ariane le scalpel de l'anatomiste. Mais en disséquant chaque partie du corps, il pensait à la fonction correspondante de cette partie du corps vivant. Pinel avait remarqué que la maladie permettait de distinguer des tissus différents par leurs réactions morbides. Bichat, par intuition géniale, s'empara de cette idée. Comme les corps simples de la chimie forment par leur assemblage les objets inanimés, les tissus par leur mélange en proportions diverses forment les organes. Il s'agit donc par l'observation et l'expérience d'établir des rapports précis entre phénomènes morphologiques et physiologiques, qu'ils paraissent normaux ou qu'ils soient pathologiques. Ainsi est basée la biologie. ...

En résumé, Bichat fut avant tout un animateur et un précurseur. Animateur, il a vivifié l'anatomie par l'analogie qu'il y trouve avec la chimie et en ne la séparant pas de la physiologie. De même, il a vivifié la pathologie en l'unifiant à l'anatomo-physiologie, et en cherchant à l'éclairer par la clinique et l'expérimentation. Précurseur, il le fut aussi en indiquant davantage les voies à suivre qu'en en précisant chaque étape; la faute en est essentiellement à sa mort prématurée. On peut supposer que poursuivant sa vie, il aurait repris l'ébauche pour terminer le tableau. – M. Laiguel-Lavastine / de l'Académie de médecine / Paris" (41).

Philippe Pinel (1745-1826). "... illustre aliéniste français, contemporain de la Révolution, a introduit, pour ainsi dire, dans la **pratique** psychiatrique l'esprit de la Révolution française: il a été le libérateur des aliénés, il a fait tomber leurs chaînes; il a essayé de les traiter comme les autres malades, sur un pied d'égalité, et avec une âme fraternelle.

Né à Saint-André-du-Tarn, en 1745, fils d'un médecin de

campagne, Pinel, reçu docteur en médecine à la Faculté de Toulouse (1773), Alla compléter ses études à Montpellier, puis à Paris ou, pour vivre, il donna, pendant quelque temps, des leçons de mathématiques. Il traduisit, vers la même époque, le *Traité de Médecine pratique de l'Anglais Cullen*. Ce qui frappe, en effet, lorsqu'on étudie l'oeuvre de Pinel, c'est, en même temps que sa culture générale, son esprit scientifique et pratique. Il déplore l'abus des doctrines, des 'opinions successives versatiles', et notamment les excès de l' 'humorisme', avec ses rêveries sur 'la bile, la pituite, le sang et l'atrabile'; il veut appliquer à la médecine une méthode, 'analogue à celle des autres sciences physiques'. Il réclame 'une exactitude sévère dans les descriptions, de la justesse et de l'uniformité dans les dénominations, une sage réserve pour s'élever à des vues générales sans donner de la réalité à des termes abstraits', il est un précurseur de Bichat, un des fondateurs de la méthode anatomo-clinique. ...

Médecin de la Salpêtrière, 1795, Pinel libère, à leur tour, les femmes aliénées. Il caractérise en ces termes les résultats obtenus: 'Les mêmes aliénés qui, réduits aux chaînes pendant une longue suite d'année, étaient restés dans un état constant de fureur, se promenaient ensuite tranquillement avec un simple gilet de force et s'entretenaient avec tout le monde, alors qu'auparavant on ne pouvait en approcher sans les plus grands dangers.'

Pinel – médecin de médecine générale autant qu'aliéniste – fut nommé successivement professeur de physique médicale à la Faculté de médecine, puis professeur de pathologie interne, enfin membre de l'Institut.

Signalons, parmi ses oeuvres principales: la *Nosographie philosophique*, Paris, 1798; il y développe sa conception générale de la médecine traitée 'comme les autres sciences physiques'; deux autres ouvrages témoignent de sa connaissance, déjà presque parfaite, de la psychose intermittente, avant les travaux décisifs de Falret et Baillarger: *Observations sur un espèce particulière de mélancolie qui conduit au suicide* (1792) et *Mémoire sur la manie périodique ou intermittente* (1802). Enfin, dans son livre intitulé: *Recherches et observations sur le traitement des aliénés*, il expose sa 'révolution' dans l'art de traiter les aliénés, non par 'la haine et la peur', mais par un 'amour de l'humanité' assez grand pour inspirer 'le courage de vaincre la routine et la peur'. À son avis, le traitement des aliénés, 'qui sont des hommes', doit être 'moral' et faire appel, avant tout, à la raison, à la sensibilité, à la persuasion. ...

Dupuytren, plus jeune de quelque vingt ans, nous a laissé de lui ce portrait: 'Sa taille était petite, sa constitution forte. Sa physionomie douce, vive, spirituelle, et fortement empreinte des rides de l'âge, offrait quelque chose d'antique et, en le voyant, on eût imaginé voir un sage de la Grèce' - Benjamin Logre / Médecin-chef honoraire de l'Infirmierie spéciale de la Préfecture de Police de la Seine / Paris" (41).

Jean-Nicolas Corvisart des Marets (1755-1821) naquit le 15 février 1755 à Dricourt. Son père, procureur au parle-

ment de Paris, voulais le retenir dans la basoche; le jeune homme objectait sa vocation médicale. Brouillé temporairement avec sa famille, il trouva un humble emploi à l'Hôtel-Dieu, et se mit enfin sur les bancs de la Faculté de Paris. Il obtint le premier lieu à la licence (2 septembre 1782) et, le 7 du même mois, reçut le bonnet doctoral. En 1783, il devint médecin des pauvres de la paroisse Saint-Sulpice. M^{me} Necker, qui avait fondé en 1778 un hospice de charité à la barrière de Sèvres, lui en proposa le service; mais elle entendait que son obligé usât de la poudre et portât perruque! Rebelle aux exigences mondaines, le postulant se déroba. Il connut la gêne des débutants, emprunta, donna à la Charité quelques cours sous le patronage du chirurgien Desault, mais s'attacha préférablement à Desbois de Rochefort qui avait inauguré dans cet hôpital un enseignement clinique très suivi. Desbois mourut le 26 janvier 1786. Son disciple et substitut lui succéda non seulement dans ces fonctions nosocomiales (1788), mais encore à la Faculté, comme professeur des écoles, charge à laquelle il fut nommé par acclamation le 4 février 1786. Lorsque la nouvelle Ecole de santé remplaça la vieille Faculté, il fut pourvu de la première chaire de clinique interne créé par l'arrêt du 14 frimaire an II dans la ci-devant maison de la Charité, devenue Hospice de l'Unité. Il en prit possession le 11 ventôse an III, embrigada, organisa ses étudiants sur le modèle de La clique Stoll Il leur dispensa un enseignement inspire des doctrines Du Viennois, de Boerhaave, et aussi d'Auenbrügger, précurseur oublié, et par lui réhabilité, de la percussion. Ce nouveau mode d'exploration renforçait de précisions objectives les données de l'observation hippocratique en laquelle Corvisart excellait, et sa rare intuition de clinicien prenait parfois quelque apparence de divination. Rénovant la cardiologie attardée de Sénac, il publia en 1806, par les soins de son élève Horeau, un Essai sur les maladies du cœur et des gros vaisseaux. ...

Enfin, il patronnait le vieux Journal de médecine, chirurgie, pharmacie, ressuscité en vendémiaire an IX par Boyer et Leroux. Président de la Société de l'Ecole de médecine (11 novembre 1804), il fut élu le 20 mai 1811 membre de la première classe de l'Institut national (section de médecine et de chirurgie).

Avec les honneurs, la fortune était venue. Présenté par Barras à Joséphine de Beauharnais, par Josephine à Bonaparte, il conquist l'estime du général et fut nommé médecin du gouvernement ...

Cependant, à la mort de Baudelocque, Dubois fut nommé accoucher de l'impératrice et, de son forceps, amena au jour le roi de Rome. Pendant l'opération, Corvisart maintint la parturiente; c'est lui qui ranima le nouveau-né. ...

Louis Bonaparte dit de lui son premier médecin honoraire, premier médecin consultant, commandeur de l'Ordre royal de Hollande. Corvisart avait encore la confiance de Joséphine, de la reine Hortense et de Pauline Bonaparte. ...

...le citoyen Corvisart devint baron de l'Empire (1808), officier de la Légion d'honneur (1803), commandeur de

l'Ordre de la Réunion (1811). ...

A son départ pour la Russie, Napoléon avait demandé à Corvisart un poison. Il y recourut à Fontainebleau (nuit du 12 au 13 avril 1814), après son abdication, mais le toxique était éventé. ...

Il mourut à Paris le 18 septembre 1821. Son exécuteur testamentaire lui assura les dernières prières de l'Eglise que, touché par le vent du siècle, il n'avait point sollicitées. Après les obsèques et les discours, son corps fut transporté au Père-Lachais, puis dans son domaine d'Athis. Son cœur, prélevé à l'autopsie, resta oublié chez un pharmacien chargé de l'embaumer. – Paul Delaunay / Ancien président de la Société d'histoire de la médecine / Membre du Comité international d'histoire des sciences / Le Mans” (41).

Dominique Larrey (1766-1842) “était né à Baudéan en 1766 et était donc l'aîné de l'Empereur de trois ans. Il mourut à Lyon en 1842, au retour d'un Voyage d'inspection en Algérie. Sans autre patrimoine qu'un nom honorable, il fit ses premières études dans le service de son oncle, chirurgien de l'Hôpital Saint-Joseph à Toulouse. Ous-aide, puis aide-major dans l'ancien hôpital, au bout de sept ans d'un labeur fécond, il passe sa thèse sur la carie os.

Le 28 septembre 1787, il quitte la ville aux clochers roses et, par le Quercy, le pays limousin et la Touraine, après un voyage qui dure plusieurs semaines, il arrive à Paris, adressé à Louis, secrétaire de l'Académie royale de Chirurgie. Celui-ci l'engage à suivre le service de Desault à l'Hôtel-Dieu. L'influence de ce dernier fut très précise pendant l'année où il fut son élève. ...

Au début de 1788 s'ouvre un concours destiné à recruter des chirurgiens de marine. Il est admis et s'embarque le 3 mai de la même année sur la frégate La Vigilante en route pour Brest. Il fait la campagne de Terre-Neuve, puis rentre à Paris à la fin de septembre et, abandonnant la marine, reprend sa vie laborieuse.

En 1792, il sert à l'armée du Rhin, sous le vieux maréchal Luckner, jusqu'en 1794. Il ne devait plus quitter les cadres de la Médecine militaire, qu'il a illustrés. ...

Le 1er mai 1797, à la demande du citoyen Bonaparte, il est désigné pour diriger les ambulances de l'armée d'Italie. C'est maintenant l'épopée, qui dure dix-huit ans, par les rudes chemins de l'Europe ensanglantée.

Administrateur de grande classe, il complète l'éducation de ses médecins ou officiers de santé, dont la bravoure était supérieure à la valeur technique. Il crée une école de médecine à Milan, reprend son service au Val-de-Grâce le 5 ventôse an VI (23 juin 1798). Quelques mois plus tard, il organise le Service de santé de l'armée d'Egypte avec Desgenettes. Le maître de l'heure leur donne pleins pouvoirs. Ces deux hommes avaient alors trente-deux ans.

L'histoire a raconté ce que furent les pages de gloire et de misère de l'armée d'Egypte, tandis que trente-huit mille soldats vétérans d'Italie sous Bonaparte, Desaix, Davout, Kléber, Lasalle, imposaient la loi française des Pyramides au temple de Philae.

Au lendemain d'Aboukir, il crée au Caire un centre d'instruction médicale; il décrit longuement La conjonctivite granuleuse, qui lui semble plus redoutable que les mameluks.

Rentré en France le 26 vendémiaire an X (1801), chirurgien de la Garde impériale, il est au camp de Boulogne; on le retrouve à Eylau, à Wagram, à Tilsit, puis en Espagne.

Lors de la retraite effroyable après la prise de Moscou, les troupes s'écartent, à la Bérésina, pour laisser l'équipage de l'homme le plus populaire de la Grande Armée. Il suit la route sanglante de la Garde que la victoire abandonne, à Lutzen, à Montmirail, à Champaubert.

Aux Cent Jours, au soir de la lutte suprême à Waterloo, blessé à coups de sabre par les cavaliers de Blücher, il n'échappe à la mort que par miracle.

Larrey comptait, à la chute de l'Empire, vingt-cinq campagnes de guerre, avait assisté à soixante batailles et avait été blessé trois fois.

Il fut un des rares hommes auxquels le gouvernement de la Restauration pardonna leur fidélité à l'Empereur et lui conserva une partie de ses fonctions. C'est au retour d'un voyage d'inspection en Algérie qu'il mourut, en 1842, après avoir eu deux auparavant la douloureuse et dernière fierté d'assister, appuyé au bras de son fils Hippolyte, agrégé du Val-de-Grâce, au retour des cendres de Napoléon, que le prince de Joinville venait de ramener de Saint-Hélène.

L'oeuvre scientifique de Larray pourrait présenter une importance médiocre dans cette vie épique, coupée de courtes haltes entre deux combats. Il a laissé cependant cinq volumes de Clinique, qu'il publia dans les dernières années de sa vie, en 1836. Ses Mémoires de médecine et de chirurgie militaire sont émaillés d'observations cliniques et opérations qui présentent un grand intérêt.

D. Larrey semble avoir été un chirurgien remarquable. Technique réglée. Procédés simples. Il opérait avec une rapidité extrême, ce qui était d'une nécessité immédiate quand on pense au nombre considérable d'amputations, de résections que faisaient, un soir de bataille, les chirurgiens de la Grande Armée. On est vraiment stupéfait quand on songe que ces interventions étaient pratiquées sans anesthésie. Une désarticulation de l'épaule ou de la hanche, intervention simple sur un malade endormi, pour un chirurgien connaissant les rudiments les plus élémentaires de son métier, devait être une chose effrayante alors qu'elle était pratiquée chez un malheureux hurlant de douleur et maintenu par des aides vigoureux. Il est vrai que Percy et Larrey avaient des blessés d'une singulière force physique et morale.

Comme le fait avec juste raison remarquer Forgue, à l'encontre de l'opinion des ses contemporains et de l'Académie royale, Larrey affirmait qu'une amputation devait être faite dès que l'on avait reconnu l'impossibilité de conserver le membre. Il avait observé que le délai-limite pour devancer l'apparition des infections gangréneuses ne devait pas excéder quelques heures. Plus de cent années

plus tard, l'étude de la biologie de la plaie de guerre devait confirmer cette opinion. La seule intervention précoce, telle que la pratiquaient Percy et Larrey, permettait à la fois de lutter contre le choc et l'infection. – Jacques de Fourmetaux / Membre correspondant de l'Académie de médecine / Chartres" (40).

Guillaume Dupuytren (1777-1835). Il était né le 3 octobre en 1777 à Pierre-Buffière (Haute-Vienne). Après les années du Collège des colonies, à Paris, il dut faire à pied, étant sans franc ni sol, la route du retour. Comme les comités révolutionnaires, de village en village, proclamaient la Patrie en danger, il voulut être soldat. Son père répondit par un ordre: "Tu seras chirurgien!"

A sa première entrée dans une salle de dissection, la vue des cadavres morcelés le fit blêmir. Il se trouva mal; mais au lieu de désespérer, il apprit à se ressaisir d'une honte. L'accueil paternel de Boyer, grand chirurgien, les recommandations de Thouret, frère du Conventionnel et de Vergniaud, le Girondin, facilitèrent ses débuts; son intelligence, son ambition, son énergie invincible eussent suffi. ...

Quelques années d'efforts prodigieux valurent à Dupuytren, à une cadence exceptionnelle, tous les titres convoitables par un étudiant en médecine ambitieux: chef des travaux anatomiques; membre de la Société d'émulation, où Bichat et Corvisart brillaient; de la Société anatomique fondée par Bayle, Dupuytren, Laennec; puis il fut professeur, chirurgien de l'Hôtel-Dieu, membre de l'Académie royale de médecine et de l'Institut; enfin premier chirurgien de deux rois et Louis XVIII, par gratitude, le fit baron. La tenace préparation de ses impatientes victoires lui avait permis d'amasser les connaissances les plus vastes et les moins disparates; il savait les choisir, les lier, puis les contrôler ou les redresser par l'expérience, enfin en dominer l'étendue. ...

C'est au début de l'automne de 1815 qu'il fut, à l'Hôtel-Dieu, le chirurgien chef. Il avait, à trente-huit ans, dans un lieu consacré par les siècles et par le prestigieux passage de Desault et de Bichat, l'instrument de travail et d'influence qu'il avait tant convoité. L'inquiétude et la défiance qui l'y accueillirent furent vaincues à leur tour. ...

Dans les salles, il ne parlait qu'aux malades et montrait aux élèves qu'il avait horreur des questions. Ses commandements étaient brefs. Il exigeait une docilité sans réplique et sacrifiait, par caprice d'autoritarisme, les natures indépendantes dont il eût apprécié l'esprit. ...

Il faisait merveille dans l'action quotidienne. Dès six heures du matin, suivi d'élèves heureux d'être ponctuels, il commençait une visite minutieuse, interrogeant, examinant, traitant lui-même tous les malades. Il était humain avec eux, mais haussait le ton avec brusquerie, si la sottise ou l'embarras retardaient l'essentiel.

L'opérateur passait pour n'avoir ni l'élégance de Roux, ni la prestesse de Lisfranc, ni la majesté de Desault, ni l'opportunisme subtil de Marjolin; mais il excellait dans les précautions, pesait mieux qu'eux les indications et des chances opératoires, connaissait plus sûrement les vérita-

bles lésions et les milleurs chemins. Son sang-froid était proverbial. On le vit, en des circonstances tragiques, tirer parti d'un accident mortel, découvrir aussitôt, avec un génie inductif, plus sûr de soi que jamais, une pathogénie jusq'à la inconnue. ...

Une maladie des mains, une fracture de la lambe porteront son nom. On lui a dû des interventions chirurgicales nouvelles ou hardiment élargies, des innovations techniques et instrumentales (résection du maxillaire inférieur, ténotomie, ligature de l'artère iliaque externe, incision d'abcès cérébral, invention de l'entérotome, etc).

Une première crise apoplectique, pendant une leçon qu'il n'abrégea pas, l'avait averti et diminué; mais après quelque repos, il crut pouvoir reprendre. La grande voix avait faibli. Il dut renoncer.

Peu de mois après, le 7 février 1835, Dupuytren mourut, en murmurant, avec une tendresse que ses rudes dehors avaient cachée, le prénom de sa fille. – Henri Mondor / de l'Académie française et de l'Académie de médecine / Paris⁽⁴¹⁾.

Pasteur (1822-1895). Louis Pasteur naquit le 27 décembre 1822, à Dole (Jura).

Son père ayant une tannerie à Arbois, au pied du premier plateau du Jura, c'est dans le collège de cette petite ville qu'il fit ses premiers études.

Jean-Joseph Pasteur, d'autant plus ambitieux pour son fils qu'il regrettait de n'avoir fait que des études rudimentaires, conseilla au jeune Louis de tenter le concours de l'Ecole normale.

Reçu dans la section des sciences, Pasteur se prépare à devenir professeur. Nommé aide-préparateur de physique à l'Ecole normale, il passe ses thèses de physique et de chimie. Bientôt il publie ses célèbres travaux sur le CRISTAL TAUX. Il découvre, à vingt-six ans, la solution d'une énigme cristallographique qui avait intrigué les plus grands minéralogistes d'Europe: la raison de l'action optique différente de deux corps qui semblaient identique, le tartrate et le paratartrate de soude et d'ammoniaque.

En 1849, Pasteur est nommé professeur suppléant de chimie à Strasbourg. Il épouse dans cette ville la fille du recteur, M^{lle} Marie Laurent.

M^{me} Pasteur fut pour son mari la compagne idéale. Elle mérite cette appellation que l'on voit sur la dalle au-dessus de laquelle elle repose dans la crypte de l'Institut Pasteur:

Socia rei humanae atque divinoe,

Em 1857, Pasteur est nommé doyen de la Faculté des sciences de Lille qui vient d'être fondée. ...

Ses expériences sur les GÉNÉRATIONS DITES SPONTANÉES constituent des modèles de méthode expérimentale. ...

C'est seulement en 1877 – après avoir publié de remarquables études sur les MALADIES DE LA BIÈRE, faisant suite à des travaux antérieures sur le VIN et le VINAIGRE, que Pasteur se décide à entreprendre des expériences sur les maladies contagieuses. ...

Une expérience, faite dans la ferme de Pouilly-le-Fort,

près de Melun, demonstra de la façon la plus éclatante l'effet des vaccinations pastoriennes. ...

Pasteur va s'attaquer maintenant au problème de la RAGE. C'est la phase la plus étonnante de son oeuvre, où l'on voit son génie en butte à des difficultés apparemment insurmontables, qu'il parvient à vaincre. ...

Sûr de sa méthode de vaccination antirabique, Pasteur se décide, après bien des hésitations, à appliquer à l'homme. ...

Le 6 juillet 1885, la première injection antirabique fut pratiquée sur le jeune Meister, mordu grièvement par un chien enragé. L'inoculation fut avec une moelle de lapin rabique, exposée à l'air depuis quatorze jours. On continua quotidiennement avec des moelles de plus en plus fraîches, jusqu'à la moelle d'un jour. L'enfant fut sauvé.

Cette splendide réussite eut un retentissement mondial.

Ce fut le dernier travail scientifique de Pasteur.

En 1888, l'Institut Pasteur était fondé pour appliquer le vaccin antirabique et pour développer les recherches pastoriennes

Le 28 septembre, à Villeneuve-l'Étang, Pasteur s'éteignit. Il avait révolutionné le monde moderne. Chimie, industrie des fermentations, agriculture, médecine, hygiène ont été bouleversées par ses découvertes qui procèdent à la fois d'intuition, d'imagination et de logique.

As vie intime ne fut pas moins prodigieuse que son oeuvre. Car Pasteur réunit en lui ce qui fait la grandeur de l'homme: la noblesse du caractère, le culte de la vérité et de tout ce qui est grand et beau, l'enthousiasme sans cesse renaissant, le courage moral sans défaillance, l'audace du risque, la pitié pour la souffrance, la bonté constamment agissante, l'amour passionné de la Patrie, la foi en la destinée humaine. – Pasteur Vallery-Radot / de l'Académie française de médecine / Paris⁽⁴¹⁾.

Pierre François Percy (1754-1825), amigo e colega de Larrey, foi autor de manual prático para cirurgiões militares: *Manuel du chirurgien d'Armée*, em 1792⁽⁴⁰⁾.

Gaspard Laurent Bayle (1774-1816). Aluno de Corvisart, estudou teologia, direito e medicina, graduando-se em 1801. Publicou o livro "*Recherches sur la phtisie pulmonaire*", em 1810. Morreu em 1816 com mácula hemoptise⁽⁴⁰⁾.

René Theophile Hyacinthe Laennec (1781-1826). O mais ilustre aluno de Corvisart. Foi o precursor de uma nova era na medicina clínica. Faleceu precocemente aos 45 anos, de tuberculose pulmonar. Graduou-se em Paris em 1804. Trabalhou como assistente de Dupuytren e foi influenciado sobremaneira pelos trabalhos de anatomia patológica de Bichat. Inventou o estetoscópio em 1816 e publicou, em 1819, "*De l'auscultation médiate*". Foi nomeado médico e professor no Collège de France e no Hospital Charité. Publicou segunda edição de seu livro, com o nome "*Traité de l'auscultation médiate et des maladies des poumons et du coeur*"⁽⁴⁰⁾.

François Broussais (1772-1838). Graduou-se em Paris.

Foi aluno de Halle, Corvisart e Bichat. Em Paris, publicou no ano de 1816 seu livro “*Examen des doctrines médicales et des systemes de nosologie*”, valorizando mais as descobertas dos distúrbios funcionais dos órgãos do que as alterações anatômicas. Foi o mentor de uma “*Teoria da medicina fisiológica*” através da qual sustentava que todas as enfermidades eram resultantes de irritações e inflamação nos tecidos e o sítio principal de alterações eram o estômago e os intestinos: o câncer, a sífilis, a tuberculose e a malária seriam simples resultantes de uma inflamação crônica no trato gastro-intestinal. Laennec, estribado nos seus estudos clínicos e anatomo-patológicos criticava as idéias de Broussais⁽⁴⁰⁾.

Pierre Fidèle Brettoneau (1778-1864). Aluno de Dupuytren e Bayle. Graduou-se em medicina em 1814 e começou a trabalhar no Hospital de Tours. Foi professor de Velpeau e Trousseau. Defendeu a idéia da especificidade das doenças, prevendo a existência de bactérias⁽⁴⁰⁾.

Jean Baptiste Bouillaud (1796-1881). Após graduar-se em 1823, dedicou-se aos estudos da cardiologia. Presenciou a Revolução Francesa, a Era Napoleônica, a restauração dos Bourbons, as Revoluções Europeias, o reinado de Napoleão III, a derrota de Sedan e a ocupação alemã de Paris. Descreveu os ruídos cardíacos normais e anormais na sua obra *Traité clinique des maladies du coeur*⁽⁴⁰⁾.

Pierre Charles Alexandre Louis (1787-1872). Precursor do método numérico denominado, ao depois, estatística clínica. Comprovou a inutilidade e efeitos deletérios à saúde através da sangria com sangue-sugas. Autor de excelentes trabalhos em derredor da tuberculose e febre tifóide⁽⁴⁰⁾.

Jean Cruveilhier (1791-1874). Graduou-se em 1816 e foi o pioneiro no diagnóstico da “úlcera péptica – ainda chamada na França de “maladie de Cruveilhier”. Dedicou-se ao estudo da esclerose sistêmica progressiva, atrofia muscular e outras doenças⁽²⁸⁾.

François Magendie (1783-1855). Graduou-se em 1808, criticou as teorias excessivas predominantes na medicina de então, como o vitalismo de Bichat, sendo o arauto da substituição do excesso de teorias pela execução de mais experimentação. Precursor da farmacologia experimental ao publicar trabalho na *Academie des Sciences de Paris* em derredor do efeito de venenos em animais. Ao depois, dedicou-se a pesquisas na área de fisiologia e farmacologia, quando fundou um jornal sobre Fisiologia Experimental. Nomeado professor de medicina no *Collège de France*, em 1836. Realizou diversas pesquisas no campo da fisiologia da digestão, do sistema nervoso central, cardiovascular e em farmacologia. Dedicou-se a observações originais sobre a estricnina, morfina, emetina, iodo, brometos e veratrina. Levou a efeito sua primeira experimentação, em 1839, a respeito da ocorrência de choque anafilático em coelhos com o uso de albumina do ovo⁽⁴⁰⁾.

Armand Trousseau (1801-1867). Graduou-se em Paris em 1825 e foi aluno de Brettoneau. Apresentou importante estudo sobre a febre amarela. Professor de medicina e mé-

dico do Hotel Dieu em 1850. Foi o primeiro a realizar uma traqueostomia em Paris⁽⁴⁰⁾.

Alfred Armand Louis Marie Velpeau (1796-1867). Graduou-se em Paris no ano de 1823. Publicou a obra *Traité d’Anatomie Chirurgicale*⁽⁴⁰⁾.

Claude Bernard (1813-1878). Em 1838 tornou-se assistente de Magendie, dedicando-se inteiramente a pesquisa em laboratório. Estudou a digestão e a participação do pâncreas, o armazenamento do glicogênio no fígado, a secreção da glândula adrenal ou supra-renal e da tireóide, o sistema nervoso autônomo e o sistema nervoso central. As suas importantes descobertas científicas fizeram com que fosse distinguido com o título de *Chevalier* com honras, em 1849⁽⁴⁰⁾.

De 1808 a 1866, a medicina praticada em terras *bahinenses* sofre considerável influencia da medicina especulativa dos europeus, baseada em fisiologia hipotética⁽⁴³⁾.

Médicos franceses, criadores de teorias médico-filosóficas, como Paul Joseph Barthez (1734-1806) e François Joseph-Victor Broussais (1772-1838), tiveram panegiristas e adeptos professores das gerações de médicos saídos das Escolas Médicas do Rio e da Bahia. Predominava a doutrina de Barthez, até 1866.

Por sua vez, Broussais teve como apologista Jozé Lino Coutinho (1784-1836), lente de Patologia Externa do Colégio Médico-Cirúrgico da cidade da Bahia.

Os lentes Antonio Januario de Faria (1822-1883), professor de Clínica Médica da Faculdade de Medicina da Bahia e Malaquias Alvares dos Santos (1810 ou 1816-1856), lente de Medicina Legal da mesma Faculdade, professam o vitalismo da Escola de Montpellier – Paul-Joseph Barthez (1734-1866)

As Faculdades de Medicina do Rio e da Bahia, em 3 de outubro de 1832, estavam sujeitas aos estatutos e regulamentos da Universidade de Paris.

As aulas de medicina na Bahia, nos seus primórdios, eram carentes de bases científicas e de laboratórios, na maioria das vezes por penúria pecuniária providas da Corte, no Rio de Janeiro.

Os lentes liam as lições escritas em francês, que eram, além de verbalizadas, palavrosas, extremamente teóricas, além de exibirem, em algumas ocasiões, peças de oratória, às vezes medíocres, às vezes empoladas e ornadas de afetação de facúndia.

Dentre notáveis cientistas europeus, o grande Claude Bernard, gênio da prática do método experimental, descobre, em 1849 a função glicogênica do fígado e o papel do fígado e, em 1865, publica as diretrizes do método experimental: *Introduction à l’étude de la médecine expérimentale*.

No ano de 1855, Pasteur mostra ao mundo os organismos microbianos que estabelecem a fermentação do leite, gerando, destarte, a concepção dos microrganismos e conceito de patogenia dos micróbios.

No alvor de 1866, com o nascimento da *Gazeta Médica da Bahia*, fundada a 10 de julho do dito ano, são divulgadas as novas descobertas e orientações da medicina.

A *Gazeta Médica da Bahia* semeia as idéias médicas do

século XIX, fundamentadas na ciência experimental, que tem como lídimos precursores, no Brasil, três celebrados médicos estrangeiros, Otto Edward Henry Wucherer (1820-1873), John Ligertwood Paterson e João Francisco da Silva Lima, que não pertenciam aos quadros docentes da Faculdade de Medicina da Bahia e são considerados como os iniciadores da primaz Escola Tropicalista Baiana⁽³⁴⁾.

Alguns médicos da Bahia que tiveram sua profissão aprimorada pela medicina francesa

Dr. Caetano Lopes de Moura (1780-1860), nascido na cidade da Bahia, cirurgião-mor de Napoleão Bonaparte, na Batalha de Deutsch-Wagram, na Áustria. Médico e escritor. Mudou-se para Portugal, onde se formou em Medicina na Universidade de Coimbra. Em Portugal, integrou o Corpo de Saúde do Exército, na Legião Portuguesa, durante a Guerra Peninsular. Ao depois, doutorou-se na França, onde vivia desde 1803, ingressando no exército gaulês como cirurgião-mor. Foi médico de Napoleão Bonaparte, de quem escreveu alentada biografia⁽⁴⁸⁾.

Conselheiro Jonathas Abbott (1796-1868). Nasce em Kennington, distrito de Lambeth, em Londres. Lente da cadeira de Anatomia e Descritiva da Faculdade de Medicina da Bahia. Fundador do Gabinete Anatômico; colecionador de célebres quadros, estabelecendo, no Liceu, a “galeria Abbott”, com 391 peças. Naturalizado brasileiro em 31 de outubro de 1831.

Em 1831, Jonathas Abbott assistiu uma amputação de perna e de coxa por Roux; na Pitié, assistiu Portal abrir seu curso de Anatomia; esteve na abertura do curso de fisiologia por Berard e apreciou uma aula de Broussais; no Carité viu Boyer praticar operação de fístula do ânus; no Hospital de Beaujeon, presenciou alguns casos raros de cirurgia; um caso de rinoplastia; ouviu aula de Spurzheim sobre frenologia; assistiu Roux tirar uma mama cancerosa; viu Roux fazer a operação da talha (a de Boyer) e *laringotomia*; dissecou cadáveres na Pitié; estudou percussão e auscultação com Piorry; frequentou curso de partos com Hatin; no Hôtel-Dieu acompanhou a visita às enfermarias de Bouillaud, Chomel e Dupuytren; assistiu à aula de Anatomia de Broc e à de Clement e a abertura do curso de Anatomia de Blandin⁽³⁷⁾.

Manoel Mauricio Rebouças (1799-1866 ou 1800-1862). Lente jubilado de Botânica e Zoologia. Nasceu em Maragijipe, Bahia e graduou-se em Medicina pela Universidade de Paris, em 1831. Também, em Paris, formou-se em Bacharel em Ciências e Letras. Conselheiro do Imperador e Cavaleiro da Ordem do Cruzeiro. Sua tese doutoral: *Dissertation sur les inhumations en general*. Tese de Paris, 1831⁽⁴²⁾.

Eduardo Ferreira França (1809-1857). Lente de Qupímica e Mineralogia. Natural de Salvador, Bahia. Colou o grau de doutor em Medicina pela Faculdade de Paris, em 1834. Sua dissertação inaugural: *Essai sur l'influence des aliments et des boissons sur le moral de l'homme. Thèse pour le doctorat*. Paris, 1834⁽⁴²⁾.

Raymundo Nina Rodrigues (1862-1906) Lente de Medicina Legal. Natural de Vargem Grande, Maranhão. Graduou-se em Medicina, em 1887, no Rio de Janeiro. Escreveu 11 trabalhos vem francês. Apenas serão citados: *Nègres criminel au Brésil, 1895; Um cas curieux d'hymen double avec défloration unilaterale, 1896. Le dépeçage criminel au Brésil, 1897; Métissage, dégénérescence et crime. Lyon, 1899; L'animisme fétichiste des nègres de Bahia. Bahia, 1901*⁽⁴²⁾.

Anísio Circundes de Carvalho (1856-1939). Lente de Clínica Médica. Natural da Bahia, colou grau de doutor em Medicina, em 1879, pela Faculdade de Medicina da Bahia. Escreveu relatório: *Escolas de moléstias tropicais na França e Inglaterra*. FMB, 1907⁽⁴²⁾.

Manoel Augusto Pirajá da Silva (1873-1961). Nasceu a 28 de janeiro de 1873, em Camamu, Bahia e faleceu em São Paulo a 1.º de março de 1961.

Sustentou tese inaugural: *“Contribuição para o estudo de uma moléstia que ultimamente aqui tem reinado com os caracteres da meningite cérebro-espinhal epidêmica”*. Graduou-se em 1896. Assistente da 1.ª Cadeira de Clínica Médica, da Faculdade de Medicina da Bahia, em 15 de maio de 1902.

Frequentou o Instituto Pasteur de novembro de 1908 a março de 1909, além do laboratório de Parasitologia do Prof. Blanchard na Faculdade de Medicina de Paris. No serviço de Letulle, em 1908, estudou e descreveu o “Schistosoma mansoni”. Na Alemanha, faz estágio no “Tropeninstitut”, em Hamburg. Primeiro catedrático oficial de Parasitologia no Brasil, disciplina criada com o nome de História Natural Médica, da Faculdade de Medicina da Bahia. Em 1911, retorna a Paris e frequenta o serviço de Blanchard e o Instituto de Medicina Colonial da Universidade de Paris e, novamente, o “Tropeninstitut”. Ainda em 1911, estudando as miíases cutâneas, mandou desenhar em aquarela colorida dois magníficos exemplares da mosca (macho de fêmea) *Chrysomya macellaria* Fabricius, estampados nos *Archives de Parasitologie*, sob o título de *“Nouveaux cas de myase dus à chrysomya maccellaria Fabricius*. Da mesma forma, em 1912, levou a lume o trabalho *“Cercaire brésilienne Cercaria Blanchardi) à queue bifurquée”*. Outorgado, em 1954, pelo “Tropeninstitut” de Hamburg com a medalha Bernhard Nocht. Membro da Société de Pathologie Exotique de Paris⁽³⁵⁾.

Estácio Luiz Valente de Lima (1897-1984). Nasce a 11 de junho de 1897, na atual cidade de Marechal Deodoro, antiga Alagoas. Em 1921, é graduado Doutor em Ciências Médico-Cirúrgicas pela Faculdade de Medicina da Bahia, após sustentar tese inaugural *Introdução ao Estudo da Agonia*. Em 1923, conhece várias universidades da Europa, inclusive a de Paris. Em 1924, faz curso de especialização no Instituto Médico-Legal de Paris, com o Prof. Victor Balthazard. No ano de 1926, é aprovado, com distinção, professor catedrático de Medicina Legal da Faculdade de Medicina da Bahia e nomeado diretor do Instituto “Nina Rodrigues”. Em 1973, visita diversas universidades e serviços de Medicina Legal

européias, além do Serviço de Medicina Legal de Paris. Fa-
lece a 29 de maio de 1984, em Salvador, Bahia⁽⁴³⁾.

Alguns médicos da Bahia que aperfeiçoaram seus conhecimentos na França no século XIX e primeiras décadas do século XX

No século XIX e início do século XX, visitaram a Faculdade de Medicina de Paris diversos médicos da Bahia: Drs. Antonio Jozé Alves (1818-1866), Justiniano da Silva Gomes (1808-1882), Adriano Alves de Lima Gordilho (1830-1892), José Affonso P. de Moura (1821-ou 1822- (1898), Manoel Victorino Pereira (1853-1902), Joaquim Matheus dos Santos (1865-1903), Jerônimo Sodré Pereira (1839- ou 1840-1909), Manoel José de Araujo (1851-1912), Virgílio Climaco Damázio (1838-1913), José de Souza Pondé (1878-1924), Egas Moniz Barreto de Aragão – Pethion de Villar (1870-1924), Frederico de Castro Rebello (1855-1928), José Adeodato de Souza (1873-1930), Alexandre Evangelista de Castro Cerqueira (1853-1931), Caio Octavio Ferreira de Moura (1878-1932), Antonio Bastos de Freitas Borja (1878-1933), José Eduardo Freire de Carvalho Filho (1852-1934), Antonio do Prado Valladares (1882-1938), José Rodrigues da Costa Dória (1859-1938), Antonio Pacheco Mendes (1855-1941), Alfredo Ferreira de Magalhães (1873-1943), Augusto de Couto Maia (1876-1944), Antonio Januario de Faria (1822-1883), Antonio de Cerqueira Pinto (1820-1895), Ramiro Affonso Monteiro (1840 ou 1839-1902), Alfredo Thomé de Britto (1865-1909), Augusto Cesar Vianna (1868-1933) e outros. (N.A).

O professor Adriano Pondé, Catedrático de Clínica Médica, publica, em 1979, trabalho sobre os médicos de Napoleão em Santa Helena⁽⁴⁵⁾. Plínio Garcez de Sena, professor Titular e Chefe do Serviço de Neurologia da UFBA e als leva a lume em 1985, *estudo sobre a doença de Gilles de la Tourette*⁽⁴⁶⁾. Elieser Audiface Carvalhal Freire, pediatra e professor Titular da Escola de Medicina e Saúde Pública, divulga em 1992, trabalho intitulado *A presença do médico na revolução Francesa*⁽³⁶⁾.

Como preito de admiração e respeito pelo ilustre e muito ilustrado presidente do XIV Congresso Brasileiro de História da Medicina. **Dr. João Bosco Lopes Botelho**, o A. deste trabalho faz recordar as teses de doutoramento do Dr. Botelho, sustentadas em junho de 1981, na Universidade de Paris VI, as quais foram arguidas pelo componente da Banca Examinadora, Dr. Luiz Carlos Calmon Teixeira, médico da Bahia, que era, naquela época, Professor Adjunto da Faculdade de Medicina da Bahia, Chefe do Departamento de Radioterapia do Hospital Aristides Maltez, presidente da Sociedade Brasileira de Cancerologia e titular da Cadeira n.º 32, da Academia de Medicina da Bahia. As teses são intituladas “*Consideration sur la pathologie de la glande thyroïde. Étude analytique de 3.771 malades. La thyroïdectomie typique – ses différentes formes comme la meilleure orientation thérapeutique*” – “*Évolution de la chirurgie de la glande thyroïde au Brésil pendant la période allant de 1935 à 1975*”.

E conclui o ilustre examinador: “*Pour finalizer, je désire féliciter vivement le Prof. João Bosco Lopes Botelho, par l'excellence de son travail, dont la valeur ne sera pas d'aucune façon diminuée par les objections présentées, que seront, certainement, bien contestés, nous l'avons dit déjà, derrière, par son talent; le féliciter par son obstination à la direction de la perfection professionnelle; par ses qualités morales et d'amitié, dont je peut donner le témoignage et par la conquête qu'aujourd'hui il concrétisera*”⁽⁴⁷⁾.

Livros de medicina de França nos quais se abeberaram gerações de estudantes de Medicina e lentes de Medicina da Bahia

São citados alguns: *Propositions sur la doctrine d'Hippocrate, relativement a la Médecine-pratique. Tese inaugural defendida por Laennec. Paris, 1804; Traité de l'auscultation médiate et des maladies des poumons et du coeur; por Laennec. Paris, 1826; Exposé analytique des principaux travaux d'anatomie, de physiologie... - P. A. Piorry. Paris, 1856; Précis d'hygiène publique. - Bedoin. Paris, 1891; Traité élémentaire de physique biologique. - Armand Imbert. Paris, 1895; La formule médicale. - Edmond Dupuy. Paris, 1897; Dictionnaire de médecine / de chirurgie, de pharmacie... por É. Littré. Paris, 1893; Traité élémentaire de physique biologique. - Armand Imbert. Paris, 1895; Traité d'hygiène, de médecine et de chirurgie navales. - J. Rochard e D. Bodet; Thérapeutique obstétricale. - A. Auvar. Paris, 1899; Les tumeurs. - Simon Duplay e Maurice Cazin. Paris, 1903; Le radium et la radioactivité. - Paul Besson. Paris, 1904; Guide d'alcaloïdothérapie dosimétrique. - Albert Salivas. Paris, 1904; Précis d'hygiène publique et privée. - Jean-Paul Langlois. Paris, 1909; Traité d'anatomie humaine. 8 volumes. Por L. Testut. Paris, 1911; La thérapeutique em vingt médicaments. - H. Huchard e Ch. Fiessinger. Paris, 1911; Précis de physique médicale. - J. Cluzet. Paris, 1913; L'enfant et son médecin. - Albert B. Ball. Paris, 1914. Nos anos 20 da centúria vigésima, os acadêmicos de Medicina da Faculdade de Medicina da Bahia se valiam dos mais notáveis e didáticos tratados médicos gauleses daquele tempo: *Précis de physiologie microbienne. Maurice Arthus. Paris, 1921; Introduction a l'étude de la médecine.- G. H. Roger. Paris, 1926; L'anatomie em poche. - Victor Pauchet & S. Dupret. Paris, 1926. Parasitologie de Brumpt; Physiologie de Gley; Patologie de Roger, etc.* (N. A.).*

Os “ferros” empregados em 1845 pela Faculdade de Medicina da Bahia para o ensino de Medicina Opertória e Anatomia

De numerosa lista, alguns são citados: “*Couteaux à cataracte de Richter; aiguilles pour la keratomises de Whal-ter; dites pour l'abaissement de Sechel; kistitome à curetta d'argent; crochets à pupille; pinces très-fines, droites et courbes pour la capsule cristalline et la pupille artificielle; pinces à dents de souris, de Blomer; paires de sondes, de Mr. Gensoul en argent; seringue d'Anel, 3 syphons dont*

le bouts en or; pince dilatatrice; instrument de Vacca pour l'oesophagectomie; pince oesophagienne de Dupuytren; gaine métallique pour protéger la point du trocart; speculum de Mr. Ricard si demontant; porte-caustique de Mr. Lallemand, drits; appareill de Mr. Baudens pour hydrocele; grande arbre de trepano; forceps de Mr. Depaul; forceps de Baudelocque; pince-crâne de Semely modifiée avec vis⁽⁴⁹⁾.

Referências

Parte I

Fontes secundárias impressas

1. Araujo JG. Naufrágio e afundamentos / Costa do Brasil – 1503 a 1995. Instituto Geográfico e Histórico da Bahia: Salvador, p. 4; 26-33, 2000.
2. Araujo JG. Naufrágios e afundamentos na costa brasileira. 2.ª edição, JM Gráfica e Editora: Salvador, p. 72; 75; 69; 79; 85, 2008.
3. Barbosa MA Mons. Efemérides da freguesia de N.ª Senhora da Conceição da Praia. Editora Beneditina: Salvador, p. 64; pp. 119-120, 1970.
4. Bittencourt ARG. Longos serões do campo. Editora Nova Fronteira: Rio de Janeiro, v. 2, pp.151-154; 192; 293, 1992
5. Britto ACN. A medicina baiana nas brumas do passado. Contexto & Arte Editorial: Salvador, pp. 283-289; pp. 291-292, 2002.
6. Calmon P. A vida de Castro Alves. Livraria José Olympio Editora: Rio de Janeiro, p. 138-139; pp. 227-229, 1961.
7. Calmon P. A bala de ouro. 2.ª edição. Empresa Gráfica da Bahia: Salvador, pp. 55-56; 58, 1998.
8. Castro RB. A primeira imprensa da Bahia e suas publicações / Tipografia de Manuel Antonio da Silva Serva. Imprensa Oficial da Bahia: Salvador, p.92; 102; 114; 120; 129; 132; 136; 138; 53, 1968.
9. Costa PS. Campo Santo / Resumo histórico. Contexto & Arte Editorial: Salvador, p. 97, 2003.
10. Graham M. Diário de uma viagem ao Brasil. Editora Itatiaia: Belo Horizonte / EDUSP: São Paulo, p. 414, 1990.
11. Habsburg M de. Bahia 1860. Esboços de viagem: Folha Carioca Editora: Rio de Janeiro, p. 91; pp. 248-249; 240; 84; 238, 1982.
12. Lallemeant RA. Viagens pelas Províncias da Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe. Editora Itatiaia: São Paulo, p. 20, 1980.
13. Leite S. S. I. História da Companhia de Jesus no Brasi. Tomo V. Imprensa Nacional: Rio de Janeiro, p.p. 92-95, 1945.
14. Lima JFS. A Bahia de há 66 annos. Folhetim do “Jornal de Notícias”: Bahia, p. 7: pp. 18-20; pp. 22-23; 24, 1906.
15. Mattos W. Palacio da Associação Comercial da Bahia. Tipografia Beneditina: Salvador, pp. 188-189, 1950.
16. Mattoso KMQ. Presença francesa no movimento democrático baiano de 1798. Salvador: Editora Itapuã, pp. 13-15; 148-154, 1969.
17. Millton AA. Ephemerides cachoeiranas. Gráfica Universitária: Salvador, p. 300; pp. 77-78, 1979.
18. Pedro II D. Diário da viagem ao norte do Brasil. Livraria Progresso Editora: Salvador, p. 66, 1959.
19. Peixoto A. Breviario da Bahia. Livraria Agir Editora: Rio de Janeiro, p. 65; pp. 155-157; 254, 1945.
20. Peixoto A. Livros de Horas. Livraria Agir Editôra: Rio de Janeiro, pp. 9-11; pp. 16-19; pp. 20-22; pp. 21-23; pp. 142-144; 62; pp. 151-153; 315; 235, 1947.
21. Pitta SR. Historia da America Portuguesa. Officina de Joseph Antonio da Silva: Lisboa Ocidental, pp. 38-41; 100, 1730.
22. Silva A. A Cidade do Salvador (Aspectos seculares). Livraria Progresso Editora: Salvador, p. 102; pp.187-190; 181; 71; 104; 105, 1957.
23. Silva A. A primeira cidade do Brasil (Aspectos seculares). Oficina Tipográfica Manú: Salvador, pp. 135-147, 1953.
24. Silva MBN. A primeira gazeta da Bahia / Idade d'Ouro do Brazil; Edufba: Salvador, pp. 9-11, 2005.25. Silva KMC. O Diário da Bahia e o século XIX. Edições Tempo Brasileiro: Rio de Janeiro, p. 193; 75; pp. 143-148; pp. 52-53, 1979.
26. Tavares LHD. História da Bahia. Correio da Bahia. Coleção fascicular. p. 33; 136; 137; Salvador, 2000
27. Teixeira C. Bahia em tempo de província. Empresas Gráficas da Bahia: Salvador, p. 35; pp. 15-17; pp. 109-110, 1986.
28. Verger P. Notícias da Bahia – 1850. 1.ª edição. Corrupio: Salvador, p. 17; 60; 97; 128; 131; 134; 203; 193; 103; pp. 132-133; pp. 134-135; 21; 56; 107; 135; 115; 117; 120; 203; 141; pp. 171-172; 175; pp. 153-154; 125; 139; 178; 186, 1981;
29. Von Spix e Von Martius. Através da Bahia. *Excerptos da obra Reise in Brasilien*. Traduzidos a português por Dr. Pirajá da Silva e Dr. Paulo Wolf. 2.ª edição melhorada e completa. Imprensa Oficial do Estado: Salvador, p. 80, 1928.
30. Almanach para o anno de 1845. Typ. de M. A. S. Serva: Bahia, p. 77; 87; 76; 239; pp. 246-247; 232; 225; 215, 1845.

Parte II

Fontes secundárias impressas

31. Aragão GMS. A medicina e sua evolução na Bahia. Diário Oficial do Estado da Bahia. Edição Especial do Centenario. 1823-1923: Bahia, p. 401-436, 1923.
32. Britto ACN. A medicina baiana nas brumas do passado. Contexto & Arte Editorial: Salvador, p. 156, 2002.
33. Bomfim A. Faculdade de Medicina da Bahia. Diário Oficial do Estado da Bahia. Edição Especial do Centenario. 1823-1923: Bahia, p. 464-474.
34. Coni AC. A Escola Tropicalista Bahiana. Livraria Progresso Editora: Bahia, p.21-48, 1952.
35. Falcão EC. Pirajá da Silva / O incontestável descobridor do “Schistosoma mansoni”. Empresa Gráfica da “Revista dos Tribunais”: São Paulo, p. 15-55, 1959.
36. Freire EAC. A presença do médico na revolução francesa. Anais da Academia de Medicina da Bahia, Vol. 8. Bureau Gráfica e Editora: Salvador, p. 159-174, 1992.
37. Galvão FA. O diário de Jonathas Abbott. Francisco Alves: Rio de Janeiro, pp. 77-113; 235-241.
38. Gomes CM. Manuel Vitorino Pereira / Médico e Cirurgião. Livraria Agir Editora: Rio de Janeiro, p. 43, 1957.
39. Junior FPL. Verificação de títulos na Faculdade de Medicina da Bahia (Século XIX). Sinopse Informativa. Publicação da Diretoria da Faculdade de Medicina da Bahia. UFBA. Ano III. N.º III, Salvador, p. 98, 1980.
40. Lima DRA, Smithfield RW. Manual de História da Medicina. Editora Medin: Rio de Janeiro, p. 138-146, 1986.
41. Mazonod L. Editions d'Art. Les Médecins Célèbres. La galerie des hommes célèbres / Collection dirigée et présentée par Lucien Mazonod / Publié sous la direction de René Dumesnil et Flavien Bonnet-Roy avec la collaboration de Pierre Ameuille, Pierre Astruc, Gastón Baissdette Mzaurice Bariéty, Léon Binet, W.-J. Bishop, Marcel Brulé Heinrich Buess, Eugène Bujard, Louis Chauvois, Gastón Cordier, Paul Delaunay, Jean Delmas, Georges Duhamel, Maurice Duvoir, Jules Euzière, Jean Fauvet, Rudolph de Fellenberg, Bernard Fey, Henry Flournoy, Anton Fonio Jacques de Fourmestreaux, John-F. Fulton, Victor Genty Gaston Giraud, Henri Gouhier, Douglas Guthrie, Paul Hauduroy, Alexandre Herpin, Erich Hintzsche, N. Howard-Jones, Jean Karcher, Louis Lafouca, M. Laignel-Lavastine, Pedro Lain Entralgo, Pierre Lantuéjoul André Lemaire, Pierre Lépine, Edmond Levy-Solal, Jean Lhermitte, Camille Lian, Maurice Loeper, Benjamin Logre Jean Nargarot, Raymond Millet, Pierre Mollaret, Henri Mondor, Raoul Ch.-Monod, J.-Jacques Mozer, Eugene Olivier, Jean Olivier, Paul Pagés, Pasteur Vallery-Radot Maurice Pignot , André Plichet, Édouard Rist, M. Rooseboom, Jacques Roubinovitch, Gustave Roussy, Jean Senèque, Clément Simon, Yvonne Sorrel-Dejerine, Jean Terracol, Tricot-Royer, E. Ashworth Underwood, Pierre Vannier, A. Vannotti, Bernhard Walthard, Pierre Wertheimer, Ernest Wickersheimer, Denis Williams, Gerhard Wohf-Heidgger, Ernest Wölfflin. Editions d'Art Lucien Mazonod. Les Editions Contemporaines S. A. Geneve. Editio S. A.: Paris, pp. 122-123; 124-140; 138-140;146-147;148-.149; 151-152; 156-159; 186-189, 1947.

42. Oliveira ES. Memória histórica da Faculdade de Medicina da Bahia / Concernente ao ano de 1942, Centro Editorial e Didático Da UFBA: Salvador, pp.137-138; 135-136; 233-237; 343-344, 1992.
43. Pacheco MTM. Depoimentos / Um Século Estácio de Lima – Organizadora do livro de depoimentos sobre o Professor Estácio de Lima. DBC Artes Gráficas: Salvador, p.2-147, 1997.
44. Pereira AP. Memória sobre a Medicina na Bahia. Imprensa Oficial do Estado: Bahia, p. 43, 1923.
45. Pondé AA. Os médicos do Imperador em Santa Helena. Anais / Academia de Medicina da Bahia. Vol. 2. Bureau Gráfica e Editora: Salvador, p. 33-49, 1979.
46. Sena PG *et als*. Doença de Gillies de la Tourette. Anais da Academia de Medicina da Bahia. Vol. 6. Bureau Gráfica e Editora: Salvador, p. 107-114, 1985.
47. Teixeira LCC. Analyse Critique. Teses de doutoramento sustentadas por Monsieur le Docteur João Bosco Lopes Botelho na Universidade

de Paris VI, em junho de 1981: “Consideration sur la pathologie de la glande thyroïde. Étude analytique de 3.771 malades. La thyroïdectomie typique – ses différents formes comme la meilleure orientation thérapeutique” – “Évolution de la chirurgie de la glande thyroïde au Brésil pendant la période allant de 1935 à 1975”. Anais da Academia de Medicina da Bahia. Vol. 6. Bureau Gráfica e Editora: Salvador, p.147-151, 1985.

48. Veiga C. Caetano Moura, um baiano nas batalhas de Napoleão. “A TARDE / CULTURAL”. Salvador, Sábado, 4/7/2009.

Fontes primárias. Manuscritos inéditos.

Arquivo da Faculdade de Medicina da Bahia (FMB) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), na Praça do Terreiro de Jesus.

49. Acesso n.º 01.06.05.46. “Relação dos instrumentos actualmente empregados em Medicina Operatoria e Anatomia. Bahia 6 de Junho de 1845”.